

A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA NO ENSINO DO PORTUGUÊS E DO FRANCÊS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO.

Cristina Isabel Caeiro Raminhos

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino do Português no 3.º Ciclo
do Ensino Básico e no Ensino Secundário e do Francês nos Ensinos
Básico e Secundário – Português / Francês**

Setembro 2012

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e do Francês nos Ensinos Básico e Secundário – Português / Francês realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Gustavo Rubim e Professora Doutora Teresa Almeida.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho não posso deixar de manifestar o meu mais sincero agradecimento a todos os que de uma maneira ou de outra me ajudaram a torná-lo uma realidade. Agradeço aos orientadores, em especial ao Professor Doutor Gustavo Rubim pelo tempo disponibilizado, pelos conselhos e revisões cuidadas.

Num plano mais íntimo e pessoal, aos meus pais que incutiram em mim a vontade de ir mais além e que me ajudaram a superar todas as dificuldades que se colocaram no meu caminho sem nunca baixar os braços. Finalmente ao meu namorado pela paciência e pelo total apoio.

RESUMO

RÉSUMÉ

A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA NO ENSINO DO PORTUGUÊS E DO FRANCÊS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO. L'IMPORTANCE DE L'ÉCRITURE DANS L'ENSEIGNEMENT DU PORTUGAIS ET DU FRANÇAIS À L'ENSEIGNEMENT BASIQUE ET SECONDAIRE.

CRISTINA ISABEL CAEIRO RAMINHOS

PALAVRAS-CHAVE: Escrita, motivação, avaliação.

MOTS-CLÉ: Écriture, Motivation, Évaluation.

Este relatório incide sobre a minha Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S) na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto em Almada, ao longo do ano 2009/2010. O relato e respectiva reflexão crítica centrar-se-ão na observação de aulas e na prática lectiva referente a vários níveis de ensino: em Francês, o sétimo e o décimo primeiro ano; em Português, o décimo segundo ano. A importância da Escrita no Ensino do Português e do Francês nos Ensinos Básico e Secundário.

Ce rapport est à propos de la pratique de l'enseignement supervisioné (P.E.S) à l'école Secondaire Fernão Mendes Pinto à Almada, pendant l'année 2009/2010. La réflexion sera sur l'observation des cours et sur la pratique en ce qui concerne l'enseignement du Français et du Portugais. L'importance de l'écriture dans l'enseignement du Portugais et du Français au Enseignement Basique et Secondaire.

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I: Escola Secundária Fernão Mendes Pinto	2
I. 1. Caracterização da Escola Cooperante Escola Secundária F.M. P.	2
I. 2. Comunidade Educativa.....	3
I. 3. Organização e gestão da escola.....	6
I. 4. O Serviço de Psicologia e Orientação na Escola Secundária F. M. P...6	
Capítulo II: A importância da escrita como tema	8
II. 1. O que é escrever?.....	8
II. 2. Da dificuldade à motivação para a escrita	11
II. 3. Os jogos e a motivação para a escrita	13
II. 4. Escrever bem.....	13
Capítulo III: Estágio em Português e Francês.....	21
III. 1. O início do ano lectivo	21
III. 2. Aulas que observei	21
III. 3. Aulas de Português – décimo segundo ano	22
III. 4. Aulas de Francês – sétimo e décimo primeiro ano	23
Capítulo IV: A Turma de Português.....	24
IV. 1. Caracterização da turma de Português - décimo segundo ano	24
IV. 2. Método de trabalho	24
IV. 3. Materiais	26
IV.4. Trabalhos de casa e correcção.....	26
IV.5. Observações da Professora Maria Manuel Martins.....	27
IV.6. A reunião semanal com a orientadora	27

IV.7. Conclusão	28
Capítulo V: As Turmas de Francês.....	30
V.1 Caracterização da turma de Francês – sétimo ano	30
V.2. Caracterização da turma de Francês – décimo primeiro ano	30
V. 3. Método de trabalho.....	30
V. 4. Materiais.....	31
V.5. Elaboração de teste	32
V.6. A aplicação da Escrita ao nível do Português e do Francês	32
V.7. Observações da Professora Alexandra Alves	33
V.8. A reunião semanal com a orientadora.....	33
V.9. Conclusão.....	34
Capítulo VI: Outras actividades realizadas com os alunos	35
VI. 1. Semana da Francofonia	35
VI. 2. Concurso de Leitura em Língua Francesa.....	35
VI. 3. Projeto <i>Comenius</i>	36
Capítulo VII: Participação em reuniões	37
VII. 1. Reuniões de Departamento	37
VII. 2. Conselhos de Turma	37
Capítulo VIII – Reflexões finais sobre a Escrita	39
Conclusão	44
Bibliografia.....	46
Anexos	48
Anexo 1	49
Anexo 2	52
Anexo 3	55
Anexo 4	71

Anexo 5	73
Anexo 6	74
Anexo 7	75
Anexo 8	82
Anexo 9	83
Anexo 10	86
Anexo 11	91
Anexo 12	95

Introdução

O meu estágio na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto em Almada esteve subordinado ao tema “A importância da escrita no ensino do Português e do Francês nos ensinamentos básico e secundário” nas aulas de Português e de Francês sendo tomado como ponto de partida para uma reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionado. O tema foi definido de modo a investigar a aprendizagem da escrita, não pretendendo, no entanto, ser exaustivo nem restringir a necessidade e o interesse de estudar e reflectir sobre outras temáticas. Efectivamente, outras áreas de interesse estimularam a reflexão e a leitura, permitindo-me simultaneamente reflectir sobre outros assuntos decorrentes do estágio, nomeadamente a avaliação.

Ao reflectir sobre a importância da escrita este trabalho teve por objetivo responder a algumas questões, com o intuito de buscar meios que auxiliassem esses alunos na aprendizagem da habilidade de escrita quer ao nível da língua materna quer da não materna. As questões são: “Quais as principais dificuldades encontradas pelos alunos no momento da produção escrita? Quais as estratégias que podem ajudar na produção de um texto? A fluência na leitura pode ajudar a melhorar a escrita?”

Neste relatório, pretendo apresentar a minha experiência como estagiária, as actividades desenvolvidas ao longo do ano lectivo e ainda as aulas das minhas orientadoras, Maria Manuel Martins e Alexandra Alves, às quais assisti. Leccionei vários níveis de ensino – em Português, o décimo segundo ano e em Francês, o sétimo e o décimo primeiro ano. Ao longo do meu relatório, tentarei explicar da melhor maneira esta minha diversidade de experiências, de forma lógica e coerente.

Sempre que possível, à medida que for dando conta da minha experiência como estagiária, irei igualmente procedendo a uma reflexão crítica acerca das actividades em que estive envolvida.

Em suma, pretendo que este relatório seja um objecto de reflexão entre o antes e o depois da carreira docente ao qual possa recorrer no futuro para a minha actividade como professora.

Capítulo I: Escola Secundária Fernão Mendes Pinto

I. 1. Caracterização da Escola Cooperante Escola Secundária F.M. P.



Aquarela: Prof. Conceição Arco

A Escola Secundária Fernão Mendes Pinto é uma continuação da Secção de Almada do Liceu D. João de Castro, criada em 1965, a qual deu origem ao Liceu Nacional de Almada, autónomo a partir do ano lectivo de 1972/73. As instalações localizavam-se no centro da cidade, na Praça S. João Baptista, num espaço bastante extenso, actualmente ocupado pelo Complexo do Fórum Municipal Romeu Correia. Por ser Liceu constituiu, por muitos anos, a única escola do concelho a disponibilizar o curso complementar que dava acesso directo às Universidades. Em Outubro de 1975, ainda denominada de Liceu Nacional de Almada a escola abandonou as instalações provisórias em que estivera durante dez anos, para a construção que actualmente ocupa. No ano lectivo de 1978/79 este estabelecimento de ensino passou a designar-se por Escola Secundária de Almada, nome que passou ao actual, Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, em 1987/88.

A Escola Secundária Fernão Mendes Pinto é uma das dez escolas secundárias do Concelho de Almada e localiza-se, mais precisamente, no Pragal. Esta escola compreende uma área de 29.855 m², e é constituída por 6 blocos que ocupam uma área coberta de 3.850,2 m², e uma área descoberta com 26.004,8 m². Cada bloco está destinado a uma área específica, línguas, ciências etc. A Escola dispõe de uma biblioteca escolar com um vasto leque de obras e ainda de um pavilhão gimnodesportivo. Dispõe ainda de dois bares e dois refeitórios, um de acesso aos alunos

e outro situado na sala de professores para uma maior comodidade do docente. A escola dispõe de todas as condições essenciais à aprendizagem.

Patrono da Escola

"... E nisto vieram a parar meus serviços de vinte e um anos, nos quais fui treze vezes cativo e dezasseis vendido, por causa dos desafortunados sucessos que atrás, no discurso desta minha tão longa peregrinação, largamente deixo contados..."

(Excerto de “A Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto)

I. 2. Comunidade Educativa

Nos anos lectivos 1985/1986 e 1986/1987 a escola excedeu os 4500 alunos, hoje em dia o número médio de alunos é de 1000 a 1500 contando com população diurna e nocturna, a quebra nestes últimos cinco anos tem sido notória.

Podemos dizer que é uma escola que se caracteriza pela heterogeneidade, no que se refere à situação socioeconómica e cultural da população escolar. Em termos de zona de residência das famílias dos alunos, regista-se uma grande diversidade: jovens provenientes do Pragal, de Almada em geral e, em particular no ensino secundário, da Charneca da Caparica. A maioria dos alunos do 7º ano provém das Escolas Básicas D. António da Costa e Comandante Conceição e Silva, enquanto no 10º ano são predominantemente os alunos do ensino básico que constituem as turmas. É já habitual, no início de cada ano lectivo, e por cada ciclo de escolaridade a aplicação de questionários aos alunos, por parte dos directores de turmas, para melhor compreenderem as características da população escolar.

A população escolar diurna é bastante diversa, podemos dizer que estamos perante uma escola multicultural, pois existem cerca de vinte nacionalidades estrangeiras diferentes aí inseridas. Estes alunos estão integrados no programa de Português Língua Não Materna (diurno) ou no Programa de Português Para Todos (nocturno). No âmbito das necessidades educativas especiais, existem em média vinte e cinco alunos com plano educativo individual.

No que se refere aos apoios socioeducativos mais de 20% dos alunos beneficiam de auxílios económicos.

A escola conta com um corpo docente maioritariamente feminino que prima pela qualificação, pela longa experiência profissional e pela estabilidade.

A comunidade escolar da Escola Secundária Fernão Mendes Pinto no ano lectivo 2009/2010 é constituída por 132 professores, 1194 alunos e alunas e 42 funcionários como comprova o quadro seguinte. No que respeita ao pessoal não docente, Técnicas de Acção Social Escolar, Assistentes Operacionais entre outros, este caracteriza-se igualmente pela feminização, longa experiência profissional e largos anos de permanência na escola.

Caracterização da população escolar 09/10

Alunos	Básico	Secundário	
Diurno	411	614	1025
	53 EFAs	89 EFA	
Nocturno			169
	Extra Curriculares: 27		
Totais	464	703	1194

Alunos estrangeiros: 155

Nacionalidades: 20

Funcionários

Administração Escolar	9
-----------------------	---

Acção Social Escolar	2
----------------------	---

Auxiliares de Acção Educativa	31
-------------------------------	----

Totais	42
---------------	-----------

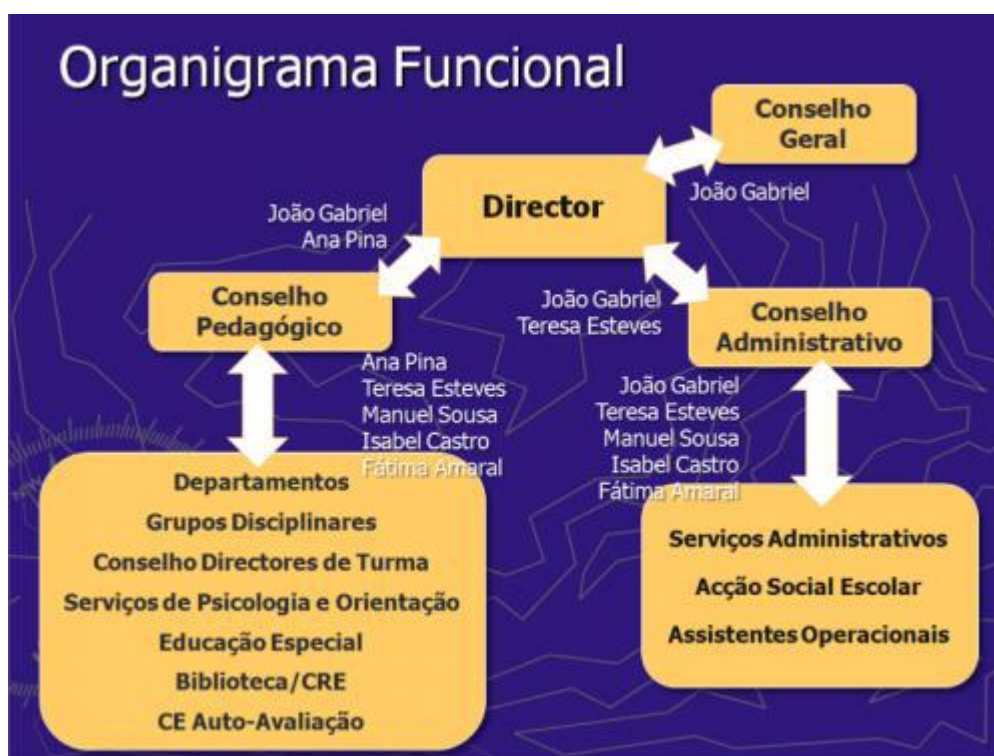
Professores	132
--------------------	------------

I. 3. Organização e gestão da escola

A gestão da escola aposta em formas de mobilização e co-responsabilização colegial nas estruturas e órgãos de administração e gestão da escola.

Nas distintas estruturas de gestão, estão em funções vários docentes qualificados para o efeito devido à sua formação especializada obtida e à longa experiência no exercício deste tipo de cargos.

Actualmente, o organigrama de gestão da escola pode definir-se do seguinte modo:



I. 4. O Serviço de Psicologia e Orientação na Escola Secundária F. M. P.

Um serviço que considero importante é o Serviço de Psicologia e Orientação, uma vez que visa desenvolver as capacidades, os conhecimentos e as atitudes que permitem aos alunos tomar e concretizar decisões ao longo da sua vida. Podendo obter conhecimento de si, das suas capacidades, das diferentes possibilidades escolares e ainda obter ajuda em processos de transição de escola ou de decisão de oportunidades.

Este gabinete de apoio tem como objectivo ajudar os alunos a colocar em prática os seus projectos pessoais ao nível dos estudos e em termos profissionais. Pretende-se que o aluno consiga no decorrer do seu currículo tomar decisões e aperfeiçoar caminhos futuros que o possam conduzir ao êxito. Com efeito, são realizadas actividades,

individual ou colectivamente, recorrendo-se sempre que possível à colaboração dos Encarregados de Educação e Directores de Turma.

A instituição tem especial preocupação com aqueles alunos que apresentam ou apresentaram dificuldades em tomar decisões, fizeram escolhas impróprias e por isso seguiram caminhos inadequados ou menos próprios. A Escola Secundária Fernão Mendes Pinto tem especial atenção com alunos que apresentam problemas que os perturbam ou impedem no seu desenvolvimento pessoal, social, educativo ou profissional. As estratégias aplicadas são o aconselhamento individual ou em grupo, as entrevistas aos Encarregados de Educação e, por conseguinte os encaminhamentos de alunos e ou mesmo de famílias para diferentes especialistas ou instituições.

Desde 1999, que o Serviço de Psicologia e Orientação na Escola Secundária Fernão M. Pinto organiza as "Jornadas de Orientação" com o intuito de divulgar as diferentes oportunidades de Educação e Formação que permite aos alunos de diferentes estratos sócio-económicos a realização de escolhas que lhes proporcionem sucesso. Este empreendimento tem contado ao longo dos anos com o apoio e adesão de diversos Estabelecimentos de Ensino Superior (público, particular e cooperativo), Instituições Militares, Escolas Profissionais, Centros de Formação Profissional e Centro de Emprego de Almada.

Procura-se ainda envolver os alunos noutras actividades de orientação e informação escolar e profissional como, por exemplo, visitas de estudo, trabalhos de investigação. Em suma o estabelecimento escolar tenta, ao máximo, incentivar o aluno a participar nas actividades que fazem parte do Plano Anual de Actividades da Escola.

Ainda a mencionar, o esforço que a escola faz numa busca conjunta com outras instituições para encontrar soluções para o excessivo risco de abandono escolar.

As entidades que se têm disponibilizado para o efeito são: Centros de Emprego, Centros de Formação Profissional e outras instituições que tentam a todo o custo evitar que alunos em risco de abandono deixem a escola.

Capítulo II: A importância da escrita como tema

II. 1. O que é escrever?

A escolha temática da importância da escrita nas aulas de Português e Francês nos ensinos básico e secundário é fruto do meu interesse pela escrita como um meio que deveria ser mais trabalhado em sala de aula. Ao introduzir a prática da escrita sistematicamente na planificação das aulas de línguas, o professor para além de estar a impulsionar a aprendizagem, está também a motivá-los para uma prática que normalmente faz parte das causas do insucesso escolar.

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora, escrever significa:

- Representar por meio de caracteres gráficos;
- Fazer a representação gráfica de uma palavra de acordo com as regras de ortografia;
- Passar a escrito; registar;
- Utilizar um determinado sistema de escrita;
- Comunicar por meio da escrita (por carta, e-mail, etc.);
- Compor (uma obra literária); redigir;
- Exercer a actividade de escritor;

Durante toda a escolaridade, a actividade mais frequente é a escrita. A avaliação dos alunos passa essencialmente pela escrita, pois escrevem em todas ou quase todas as disciplinas e são avaliados pelas suas produções escritas, no entanto nem todos têm sucesso neste âmbito, uma vez que, nem sempre são ajudados a dominar a escrita para conseguirem atingir o “grau” do *saber escrever*.

“Escrever é um processo complexo, de construção de sentido, que para se realizar exige que: se eleja uma audiência específica; se represente, com clareza, o que se pretende dizer; se seleccione, em consonância, o modo como se pretende fazê-lo.”¹

Para além de ser um processo de construção, podemos ainda dizer que é um processo de descoberta de sentido, uma vez que se clarificam as intenções que a orientam, reorganizam-se modos e ideias de expressão e compreende-se o processo de

¹ Amor, Emília, Didáctica do Português - Fundamentos e Metodologia, Texto Editores, pag.112.

criação. A escrita sofreu uma significativa evolução a partir da década de setenta como resposta à tomada de consciência das dificuldades que os alunos revelavam ao escrever e da deficiente preparação dos professores para intervirem activamente nesta questão.

Como afirma Perrenoud, em relação às competências dos professores é fundamental que este tenha conhecimentos para poder ensinar bem numa sociedade em que as informações estão cada vez mais acessíveis. É importante encorajar os alunos a descobrirem as suas próprias soluções e a levantarem as suas próprias questões.

No entanto surgem outras razões justificativas da necessidade de mudança da escola. Estas prendem-se principalmente com alterações na sociedade e no estilo de vida das pessoas. *“Há algumas décadas atrás competia em grande parte à família e à comunidade a formação moral e ética dos jovens. Na actualidade, devido ao desaparecimento da família alargada e à generalização da família nuclear, à crescente participação da mulher no mercado de trabalho e ao aumento das distâncias/tempo dispendidas entre os locais de residência e de trabalho, redobra o papel da Escola neste domínio. Com efeito, as crianças e os jovens passam cada vez menos tempo com os seus pais e mais na escola. Um número cada vez maior de crianças vai para a escola com poucos meses de idade e a escolaridade básica tem vindo a aumentar significativamente. Por outro lado, a globalização agravou as desigualdades sociais, os desequilíbrios ecológicos, o desemprego, ampliou as migrações e promoveu o aumento do tráfico de drogas, de armas, de mulheres e de crianças, bem como da criminalidade. Por outro lado, verifica-se o aumento do individualismo e do egoísmo e a crescente alienação provocada pela dependência visual/virtual”* (Fernandes:2001,83).

A educação é para alguns a forma como atingimos os saberes e os transmitimos aos que nos seguem.

A necessidade de mudança não é de agora, mas é relativamente recente no que respeita à História. Esta necessidade arrasta-se ao longo dos tempos, dando a compreender que algo deve ser feito e a sociedade não pode continuar a desinvestir na escola, para o professor *“A aposta na educação não é apenas a aposta no progresso; é a aposta na persistência e aprofundamento da nossa própria identidade, é a aposta na defesa e preservação do nosso ser. Essa aposta há-de ganhar-se numa Escola transfigurada.”* (Patrício:1993,122). Neste contexto surgem uma série de reformas educativas, no entanto estas visam manter o modelo de escola tradicional,

direccionando-o para massas, quando sabemos que o aluno apesar de inserido num grupo aprende de forma individual.

Os objectivos da educação não têm sofrido grandes alterações, mas as teorias e as práticas que as discutem são alvo de muitas discussões.

Segundo Rosário, “*o ensino pode ser colectivo, mas a aprendizagem é individual*”, o que significa que cada pessoa apreende a informação de uma forma e ritmo diferente” (Rosário:1999,pp.47-48).

Se por um lado sabemos que “aprender é a criação ou modificação de uma representação interna produzida pela experiência” (Rosário:1999, p.48), por outro lado ficámos a saber há pouco tempo que “*aprender é utilizar condições sinápticas pré-formadas e também eliminar outras*” (Rosário:1999, p.48).

O problema (ou não) da educação é que ela visa que o homem seja aquilo que ele pode ser. Na mesma linha de pensamento, Mathew Arnold refere que a principal tarefa do professor, não é ensinar, mas sim compreender como a criança aprende naturalmente.

O Homem tem que ser estudado e visto sob todas as perspectivas possíveis da sua cultura para que possa ser educado e conhecido como Homem.

Todas as ligações que o Homem estabelece com o mundo têm origem biológica e deste modo Jean Piaget, afirma que “*Toda a matéria viva se adapta ao seu ambiente e possui propriedades organizativas que tornam possível essa adaptação*” in Rosário (1999: p.50). Estas propriedades organizativas são a base de toda a acção educativa.

A eficácia da acção educativa depende da relação de dois factores, por um lado, do uso de uma variedade de situações onde não há protagonismos e por outro, do rigor científico.

Perante o conhecimento desta nova abordagem paradigmática é necessário compreender e reformular o conceito de escola, isto inclui uma revisão dos seus próprios modelos. Á luz deste novo paradigma não existe um modelo de escola ideal, no entanto, o modelo tradicional em que o aluno é um receptor passivo de conhecimento deixou de fazer sentido, pois no novo paradigma a escola tem um papel fundamental em formar cidadãos activos.

Nesta linha de pensamento, também a escrita provocou alterações na organização da vida, do pensamento e do discurso do Homem. Alguns autores defendem que a escrita é uma representação da fala, contudo, existem outros como é o caso de Ong (1982) que refere que com aquisição da escrita a própria estruturação da oralidade se altera. Não podemos dizer que a aquisição da escrita permitiu uma nova forma de pensar, no entanto, podemos dizer que o fato de existir um registo escrito obriga a algo que era impensável, como estudar, reavaliar e até reinterpretar.

II. 2. Da dificuldade à motivação para a escrita

O termo “dificuldade” provém do vocábulo latino “difficultatem” que por sua vez, radica em “difficilis” que significa dispersão ou desvio em relação ao que há a fazer. Podemos então dizer que dificuldades são obstáculos, impedimentos com que alguém se depara ao tentar realizar algo que pretende. Neste caso como podemos motivar alguém para algo que considera difícil? Como motivar para a escrita, alunos que à partida nos dizem que não gostam de escrever? Quais os primeiros passos a dar para incentivar um aluno a escrever? Quais as estratégias a adoptar? Quais as dificuldades que os alunos apresentam? Estas são algumas das questões com as quais os docentes se deparam e para as quais é difícil encontrar resposta, pois os alunos são todos diferentes, com interesses diversos. Quando o professor pede ao aluno um texto, deve questionar-se sobre o sentido do texto e sobre o que pretende que o aluno faça com ele. O aluno ao produzir um texto solicitado pelo professor terá que saber qual o objectivo desse mesmo texto, simultaneamente, deverá ter em atenção, qual o tipo de texto que lhe é pedido, quais os acontecimentos e ideias a indicar e os cuidados a ter com o texto para que se compreenda o que pretende transmitir. Por outro lado, o professor também deve ter exigências relativamente aos textos que solicita aos alunos, tendo em conta, apresentação, estrutura e cientificidade do texto. Para o professor é importante experimentar várias situações que desenvolvam no aluno o gosto pela escrita, como por exemplo, escrever por iniciativa própria, sobre temas de interesse pessoal. É necessário “aumentar as razões da autoconfiança dos que desejam vencer, porque as dificuldades não são insuperáveis; têm soluções.”²

² Nascimento, Zacarias e Pinto, José Manuel de Castro, *A dinâmica da escrita - como escrever com êxito*, 1ª edição, Lisboa: Plátano Editora, 2001.

Com os avanços nos estudos sobre o processo ensino-aprendizagem comprovou-se que as inter-relações em sala de aula em torno de um objectivo comum são as que mais favorecem a aprendizagem.

Nas variadas linhas de orientação da psicologia contemporânea a motivação tem-se definido em função da concepção dominante da natureza do homem e da sua posição no universo, enquanto razão do comportamento, ou conjunto de factores dinâmicos que determinam a conduta de um indivíduo numa situação dada e, quando esta não é fruto de um estímulo externo.

Existem autores que defendem uma motivação consciente, a qual é constituída por factores afectivos, intelectuais, sociais e sócio-educativos e ainda por outra motivação, a inconsciente, a que é composta pelos hábitos, instintos e factores fisiológicos.

Há ainda outros que distinguem motivação de deficiência e motivação de excesso. Sendo que a primeira é caracterizada por afastar deficiências e perturbações e engloba objectivos gerais de sobrevivência e de segurança. A segunda motivação caracteriza-se pelo desejo de obter satisfações, alegrias, de compreender, de procurar novidades e lutar para realizar e criar algo. A motivação é considerada um estímulo que leva o indivíduo a sentir-se bem em relação ao que vai ou poderá realizar.

Existem diversas teorias da motivação, das quais destaco nomes como Freud, Hull, Miller, Dollard, Newcomb entre outros. Todos reconhecem o importante papel que a motivação desempenha embora não estejam de acordo quanto à sua definição e quanto aos mecanismos.

A motivação para além dos incentivos conscientes da vontade comporta incentivos provenientes das profundezas do psiquismo.

Talvez possamos dizer que o grande problema da maioria dos educadores é não conhecer os fundamentos da aprendizagem e as principais teorias sobre a motivação, pois só quem sabe motivar para a aprendizagem são aqueles que conhecem como os alunos aprendem.

A desvinculação dos conteúdos com o quotidiano do aluno, como algo aparentemente sem serventia, associado aos fracos conhecimentos do professor faz com que exista uma maior desmotivação por parte do aluno em relação à aprendizagem.

Como afirma Fonseca (1994) *“percebe-se a necessidade de repensar os processos de produção e difusão do conhecimento (...), criar novas formas de trabalho (...)”*.

É urgente terminar com as queixas dos professores em relação ao elevado desinteresse pela aprendizagem. O professor deve ter iniciativa e ter a capacidade de manter o aluno curioso, interessado para que este possa fazer a sua própria gestão do conhecimento.

II. 3. Os jogos e a motivação para a escrita

Os jogos são elementos fundamentais no processo de aprendizagem e como tal não devem ser apenas aplicados a cinco ou dez minutos do fim da aula como uma compensação por terem efetuado todos os trabalhos propostos. Os jogos podem e devem ser aplicados em qualquer aula de línguas como uma forma de motivar para a aprendizagem, neste caso, da escrita. Os jogos tanto podem ser individuais, a pares ou em grupo, sendo obrigatório por parte do professor que elabora o jogo que defina regras, finalidades, compensações, duração e tarefas a desempenhar por cada aluno para que os objetivos sejam cumpridos. Através dos jogos, todos aqueles alunos que dizem não gostar de escrever acabam por fazê-lo mesmo de forma involuntária quando preenchem palavras-cruzadas, jogam à forca, ao stop.

O jogo é considerado um meio de comunicação, pois favorece de forma espontânea, a participação dos alunos. Através da actividade lúdica o discente vai interagir com o meio que o rodeia.

II. 4. Escrever bem

Motivar para a escrita não é tarefa fácil em contexto escolar, muito menos quando se trata de motivar para escrever bem. Escrever bem pode passar por ler muito, pois só quem lê bastante e de modo crítico consegue adquirir vocabulário para escrever bem. O hábito da escrita não pode ser dissociado do hábito da leitura. Incentivar a escrever é incentivar a ler. Acerca desse modo crítico de ler, Faulstich (2009) afirma que *“ler criticamente significa reconhecer a pertinência dos conteúdos apresentados.”* No entanto, Pierre Bach defende que *“o erro faz parte integrante do processo de aprendizagem; é normal cometê-lo.(...) O professor terá vantagem em procurar com o*

aluno as razões de um insucesso repetido (...).”(Bach:1991, p.25). O autor defende que não é repetindo o erro inúmeras vezes que o aluno o vai conseguir superar, mas sim esquecendo-o e retomando-o mais tarde. “A ortografia é-me indiferente, ela não é importante (...) mais tarde voltaremos a ela, neste momento ela não é o essencial. Escreve, escreve, eis o essencial... (...) Foi apenas no ano seguinte, logo que o senti suficientemente livre do espartilho e quando tomou o gosto pela escrita (...) que, muito docemente, o convidei amigavelmente a preocupar-se com a sua velha inimiga repelida, a ortografia. Indirectamente(...) esta foi aliás melhorando.”³

Após a aquisição da escrita, a fala passa a ser moldada pela linguagem escrita, ou seja, a escrita torna-se num modelo para a fala.

A actividade da escrita gera, em quem a produz, melhor compreensão da língua, pela reflexão a que obriga. Enquanto que a actividade de ler não implica escrever, toda a actividade de produção escrita contém e integra em si a leitura.

A sociedade actual coloca ao dispor de todas as pessoas diversos textos, jornais, cartas, inquéritos, declarações, bilhetes, manuais escolares e obras literárias o que permite uma melhor aquisição de conhecimento. O professor tenta motivar o aluno para a prática da leitura, contudo não é tarefa fácil, sendo que a prática da leitura reflete um melhoramento da escrita.

No decorrer da actividade de escrita, a revisão com a conseqüente reescrita coloca em evidência o papel que o leitor tem que desempenhar para que a sua escrita seja legível. O papel da escola deveria ser ajudar o escritor a perceber que tem que pensar no leitor no momento em que escreve, pois a escrita tem que ser acessível ao público destinado, pois só quando o escritor tem a capacidade de perceber quais as dificuldades que o seu texto coloca, aquando da leitura, poderá melhorar a sua escrita. Sendo que escrever também faz compreender melhor a escrita dos outros, isto é, potência e desenvolve a capacidade humana de pensar. Podemos dizer que a escrita é importante na medida em que ela desempenha um papel fundamental na comunicação e ainda no desenvolvimento das aprendizagens curriculares.

Podemos mencionar que a escrita é um trabalho transversal a todo o currículo do aluno (ser humano), a escrita institui-se como a mais influente actividade e o mais complexo instrumento de aprendizagem. Há quem diga que escrever é apenas uma

³ E. BING, citado por Pierre Bach (1991),p.25.

actividade em que se transpõe para o papel o que se aprendeu ou o que se sente, mas na verdade, a escrita é uma actividade que requer muita dedicação.

A escrita permite ao aluno a capacidade de pensar sobre o que aprendeu, a capacidade de reflectir e de clarificar o pensamento e a capacidade de ler de uma forma crítica, o que pode ser um princípio para que o aluno comece a escrever bem. Escrever bem implica seguir uma lógica, ser coeso e ter as ideias bem estruturadas e ainda ter uma escrita legível e apelativa para o leitor, contudo caímos num dilema, será que escrever bem é mesmo isto? Ou será que isto é tornar apenas a escrita acessível a todos?

A produção escrita constitui-se como um elemento organizativo do discurso, uma vez que o facto de escrever aquilo que se vai produzir oralmente permite ao orador uma melhor articulação e consolidação de ideias. Podemos referir que o discurso político é um bom exemplo do que se mencionou.

No que se refere à aprendizagem da escrita por parte dos alunos, inúmeros estudiosos defendem que o trabalho da escrita formal ou informal estimula a aprendizagem, pois permite que os alunos reflitam, formulem questões, sintetizem e elaborem ideias.

A produção escrita é uma actividade complexa que pode despertar no aluno a curiosidade de querer saber mais sobre as operações que a escrita implica. Ao tomar notas, fazer registos, utilizar tópicos, o discente está a contribuir para a aprendizagem da escrita.

Como transversal que é a escrita a todas as disciplinas, ao escrever o aluno explora as mais diversas áreas curriculares servindo-se dessa actividade para estimular o seu pensamento.

Aprender a escrever já não é visto como algo simples em que apenas era necessário conhecer o alfabeto e os diferentes tipos de texto. Esta actividade de produção é sim a articulação complexa dos aspectos anteriormente mencionados. Esta aprendizagem transcende todas as invenções do Homem.

Ong (1982) refere que a aprendizagem da escrita transforma a mente do sujeito, facilitando o desenvolvimento das capacidades intelectuais.

No decorrer das minhas leituras e pesquisas encontrei este Perfil do bom escritor, o qual funciona como uma espécie de síntese de tudo o que referi anteriormente.

“Perfil do bom escritor

- ***Tem consciência da audiência (leitores).*** Quando escrevem, os escritores competentes dedicam tempo a pensar sobre o que querem dizer, em como o hão-de dizer, naquilo que os hipotéticos leitores já conhecem.
- ***Planifica o texto.*** Os escritores constroem um esquema mental do texto que vão escrever, uma imagem daquilo que querem escrever e também de como vão trabalhar. Marcam objectivos para si próprios.
- ***Relê os fragmentos escritos.*** À medida que redige, o escritor relê os fragmentos do que já escreveu para comprovar se realmente se ajustam ao que quer dizer e também para os relacionar com o que deseja escrever a seguir.
- ***Revê o texto.*** Enquanto escreve, o autor relê o texto, revê e introduz modificações e melhoramentos. Estas mudanças incidem sobretudo no conteúdo do texto: o seu significado.
- ***Utiliza processos recursivos de escrita.*** O processo de escrita é cíclico e flexível. O autor poucas vezes se satisfaz com o primeiro esboço ou plano do texto; mas vai alterando esse esboço durante a produção, à medida que lhe ocorrem novas ideias e as incorpora no texto.
- ***Mobiliza estratégias de apoio.*** Durante a escrita, o autor também utiliza estratégias de apoio para resolver algumas dificuldades. Costuma consultar gramáticas e dicionários para obter informações de que necessita.⁴”

No plano do processamento, o trabalho incide em operações como a procura de informações na memória, a produção de ideias, a construção de esquemas, a redacção, a revisão.

No início da psicologia escrita considerava-se que os processos de planificação, redacção e revisão ocorriam de maneira sequencial, contudo, mais tarde vieram a ser

⁴ Cassany, D., Luna, M. & Sanz, G. (2002). *Enseñar lengua*. Barcelona: Ed. Graó (adaptação).

encarados como procedimentos que se recobrem e se entrelaçam de acordo com a situação em que se escreve e a memória a longo prazo de quem escreve.

Podemos dizer que a escrita é uma elaboração do conhecimento que o indivíduo possui tais como conceitos, regras linguísticas, esquemas, estruturas narrativas.

Para conseguir comunicar através da escrita é necessário elaborar um plano e conseguir superar as dificuldades e complexidades da escrita, pois só assim esta poderá evoluir.

Ser capaz de escrever implica coordenar ideias, planos e conceitos, sendo este processamento importante na elaboração de um texto, uma vez que não se pode perder o fio condutor da exposição de ideias ou o texto deixará de ser legível.

Tendo em conta o programa de língua portuguesa do Ministério da Educação “*a tarefa de escrita obriga a recorrer aos conhecimentos sobre o tópico, o destinatário, os tipos de texto e as operações de textualização, o que implica o desdobramento desta actividade em três fases (com carácter recursivo): planificação, textualização e revisão, devendo estas ser objecto de leccionação.*”⁵

Emília Amor faz também referência a estas três etapas do processo da escrita, “*A planificação consiste na mobilização de conhecimentos em sentido lato (...) visando não tanto a construção de um plano, no sentido tradicional, mas a representação de um destinatário e de um objectivo de comunicação (...). A textualização corresponde à conversão, em linguagem escrita e em texto, do material seleccionado e organizado na etapa anterior (...) mobiliza e faz intervir todo o tipo de aptidões linguísticas(...). A revisão consiste na (re) leitura do texto para aperfeiçoamentos e correcções (...).*”⁶. A autora faz ainda alusão ao facto da escrita ser, para além, de um processo de construção, um processo de descoberta onde se clarificam intenções, reorganizam ideias, se compreende o próprio processo de criação e por último onde se criam expectativas de leitura.

Só com experiência é que os alunos podem adquirir estratégias para conseguir escrever com êxito e assim ultrapassar as dificuldades que a escrita impõe.

Esta experiência, do meu ponto de vista, só é possível com a prática de planos, com o aprofundamento de ideias e o traçar de esboços, e claro com a ajuda do docente.

⁵ Programa de Português, 10º, 11º e 12º ano, Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, Ministério da Educação, p.21.

⁶ Amor, Emília, Didáctica do Português - Fundamentos e Metodologia, Texto Editores, p.112.

Embora o professor desempenhe um papel fundamental na aprendizagem da escrita, é importante que o aluno, que se dispõe a querer aprender escrever cada vez melhor, se dedique a essa actividade. A complexidade das actividades de escrita em nada ajudam os alunos na produção de um texto com êxito, pelo contrário, provocam desmotivação, por isso importa que o professor simplifique tarefas de escrita e adapte estratégias de acordo com a capacidade e idade dos alunos para que o objectivo seja cumprido. *“A progressão na aprendizagem do acto de escrever é, em muitos aspectos, a progressão num processo de formalização e especialização da escrita.”*⁷

A escrita requer um processo que pode ser ensinado, por isso não se deve penalizar o aluno com defeitos encontrados no texto, mas sim auxiliá-lo na descoberta da melhor forma para melhorar a sua escrita, alterando o que for necessário no seu texto. É importante valorizar não só a qualidade do texto, mas também o prévio trabalho de preparação do mesmo.

Este trabalho de ensinamento da produção escrita é um pouco limitativo, uma vez que se refere apenas a textos que têm contextos delineados, como por exemplo, aprender a escrever uma carta, partir de uma afirmação e produzir um texto argumentativo, escrever um diálogo, elaborar uma entrevista. Podemos dizer que a escrita é aqui encarada como a obtenção prévia de convenções para a elaboração de determinado tipo de textos.

Os trabalhos marcados pelo professor seguem um guião de orientação da produção escrita, sendo retirados dos manuais escolares, da internet ou mesmo construídos pelo professor e funcionam como um “manual” de instruções que o aluno deve cumprir para bem escrever um texto. Pressupõe-se que o aluno quando esclarecido dos passos a seguir para a produção do texto escrito consiga escrever de forma coerente e coesa.

*“Importa, pois, que as actividades estimulem a criatividade, criem o desejo de ler e escrever e tornem o aluno um leitor activo que mobiliza os seus conhecimentos, coopera com o texto na construção de sentidos e desenvolve as suas potencialidades criativas.”*⁸

A concepção de um texto iguala-se a um processo de resolução de problemas em que o aluno tenta através de um guião, normalmente, cedido pelo docente, elaborar um

⁷ Amor, Emília, Didáctica do Português - Fundamentos e Metodologia, Texto Editores, p.129

⁸ Programa de Português, 10º, 11º e 12º ano, Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, Ministério da Educação, p.20.

texto. Para a realização do mesmo o professor colabora com a explicação de como elaborar um texto seguindo o método Introdução, Desenvolvimento e Conclusão, acrescentando ainda a explicação de como utilizar tempos e modos verbais, adjectivos e pronomes.

No momento de escrever, o que faz com que o texto flua é a vontade do autor (aluno) contar, explicar e argumentar. Por conseguinte se este se preocupar demasiado com regras e normas as ideias não fluem de forma natural e instala-se o medo de expressar as suas ideias e opiniões.

As estratégias mais eficazes para a actividade de escrita são as que desafiam os alunos a comunicar e a rever os textos para conseguir um melhoramento.

Qualquer texto antes de ser texto é passível de ser transformado e reformulado vezes sem conta até chegar ao produto desejado, ou seja, dado que quem escreve precisa de se fazer entender por quem o lê, logo quem escreve tem de trabalhar o seu texto de modo a consegui-lo. Uma vez que actividade de escrita é experimental não se sabe o que dela pode resultar até se ter um produto final.

Embora se encare a escrita como um trabalho que se pode aprender, existem limitações e insuficiências para o desenvolvimento da escrita pelos alunos.

Quando o professor apresentar sugestões, não deve apresentar apenas uma, mas várias alternativas. Se o aluno for redireccionado para o seu trabalho através de várias hipóteses, pode continuar a escrever focalizado naquilo que entende ser o melhor caminho.

É da competência do professor interessar-se pelos rascunhos efetuados pelos alunos, pois é isto que contribui para o desenvolvimento e aprimoramento da escrita. O importante é que o aluno consiga progredir não só com o que já escreveu mas também com o que está a escrever e para tal a preocupação do docente não pode ser a crítica generalizada que não funciona como ajuda a uma melhor prática. Como por exemplo. “O texto está fraco, pouco original”. O docente deve, pelo contrário, fazer referências concretas que estimulem e auxiliem a uma pesquisa de novos recursos, como por exemplo: “Bom tema!”, “Pesquisa, agora, na Biblioteca escolar algo sobre esta época ou esta personalidade”.

Estes comentários pretendem levar o aluno a ganhar confiança e a não ter medo de mostrar trabalho feito. O professor deve preocupar-se com os alunos que têm dificuldades, no entanto, não se deve esquecer dos bons alunos, os quais podem colaborar empaticamente na ajuda às dificuldades de escrita dos colegas. Conseguirão

com esse trabalho desenvolver a capacidade de resolução de problemas que toda a escrita comporta.

“É necessário promover, nas aulas de Português, uma oficina de escrita que integre a reflexão sobre a língua e que, em interação com as outras competências nucleares, favoreça, numa progressão diferenciada, a produção, o alargamento, a redução e a transformação do texto, bem como uma gestão pedagógica do erro.

A prática da oficina de escrita visa possibilitar a interação e a interajuda, permitindo ao professor um acompanhamento individualizado dos alunos, agindo sobre as suas dificuldades, assessorando o seu trabalho de um modo planificado e sistemático. A oficina de escrita implica um papel activo por parte de professores e alunos que, através do diálogo e da reflexão sobre o funcionamento da língua, se empenham num processo de reescrita contínua, tendente ao aperfeiçoamento textual e ao reforço da consciência crítica.”⁹

Concordo com esta ideia que vem no programa de português do Ministério da Educação, no entanto mais uma vez a curta duração das aulas e o extenso programa faz com que os professores coloquem esta ideia de lado. Eu defendo que se deveria fazer uma oficina de escrita nem que fosse uma vez por semana para acostumar os alunos à prática da mesma.

Em suma, o professor deve ser sempre para os alunos um agente da produção escrita competindo-lhe escrever com e para eles.

A temática escrever bem é um pouco subjectiva porque aquilo que para mim é escrever bem, implica coesão, coerência, originalidade, criatividade e planificação, para o aluno escrever bem pode ser apenas seguir os modelos de escrita que estão implícitos nos manuais escolares.

⁹ Programa de Português, 10º, 11º e 12º ano, Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, Ministério da Educação, p.22.

Capítulo III: Estágio em Português e Francês

III. 1. O início do ano lectivo

Infelizmente, o ano lectivo não começou da melhor forma para mim, apresentei-me na escola secundária Fernão Mendes Pinto em Almada no dia 16 de Setembro, conheci a orientadora de estágio de Francês, a professora Alexandra Alves, a qual me apresentou à comunidade escolar, professores, director pedagógico e funcionários. Em seguida, conheci a escola, a biblioteca e as regras de funcionamento da mesma. Iria assistir às aulas no dia 17 de Setembro, mas um acidente impediu-me de regressar à escolar nessa data, coloquei as orientadoras de estágio a par do ocorrido e retomei então o estágio em finais de Outubro.

Para começar, foi preciso encaixar as aulas de décimo segundo ano de Português no horário de Francês, uma vez que tinha três turmas de Francês, duas de sétimo e uma de décimo primeiro. Essa tarefa não se revelou muito fácil, uma vez que havia uma sobreposição de horários e as aulas quer de Português quer de Francês eram leccionadas no período da manhã. A ideia de assistir às aulas das três turmas de Francês teve que ser colocada de parte, uma vez que o horário não o permitia, no entanto fiquei com uma turma de sétimo ano e com a turma de décimo primeiro, o que me permitiu uma maior visibilidade e aprendizagem no que respeita aos diferentes níveis de ensino.

III. 2. Aulas que observei

Assistir às aulas dos orientadores é fundamental, pois ao observá-los aprendemos como leccionar (o que fazer e não fazer). No entanto, considero que estas observações podem levar-nos, a nós enquanto estagiários, a imitar de certo modo os orientadores, uma vez que estamos condicionados.

Numa fase inicial, comecei por anotar os diferentes momentos da aula, isto é, a tentar perceber a estrutura da aula, o que se tornou útil aquando das minhas planificações.

Nas observações, concentrei-me principalmente na construção da aula, uma vez que era um dos aspectos que mais me preocupava, pois havia sempre o receio de existirem tempos “mortos” e de não estruturar a aula correctamente. Para isso, tirava

notas no meu caderno, onde dividia a aula por Introdução, Desenvolvimento e Conclusão, tendo em atenção o tempo disponibilizado para cada.

Concordo quando Lacey refere que “aprender a ensinar será a aquisição de conhecimentos e aptidões, enquanto a socialização profissional do professor será o processo de desenvolvimento de uma perspectiva, nova e criativa, de encarar as situações educativas em que o aprender a interpretar o que se vê e ouve tem um papel primordial” (Lacey: 1977, pp.17-68). Desta feita, considero que as observações das aulas incutiram em mim uma reflexão sobre a prática lectiva e me ajudaram na planificação das minhas aulas.

III. 3. Aulas de Português – décimo segundo ano

As aulas de Português eram leccionadas pela professora Maria Manuel Martins, igualmente coordenadora na vertente das línguas. Tornava as suas aulas interessantes do ponto de vista de quem as observa, uma vez que, não recorrendo a materiais inovadores, nem a suportes criativos, cativava os alunos pelo seu discurso, pois notava-se que para além da matéria que se propunha apresentar, dispunha de uma grande bagagem histórica, revelando-se uma mais-valia nas suas aulas.

Assisti também a uma aula que não estava devidamente preparada, pois para além de faltarem fotocópias para os alunos, a professora contava mostrar algo na Internet, o que não foi possível, uma vez que no momento a escola não dispunha de rede em todos os locais. Um imprevisto que a docente aproveitou para me explicar que, estava a assistir a uma aula que nunca deveria fazer, pois devia contar sempre com os imprevistos. “Será no seio da própria escola que o professor inexperiente encontrará o apoio necessário para continuar a sua formação através de um trabalho conjunto com um supervisor.” (Estrela: 1997, p.59).

A orientadora mostrou-se uma pessoa prestável para qualquer situação, apresentando-me à turma como a professora estagiária que iria dar-lhes algumas aulas; fui bem recebida pela turma, não havendo casos de indisciplina, aliás, eu estava perante a melhor turma da escola, a qual iria exigir mais de mim. Sendo o programa de décimo segundo ano um programa nada fácil, requeria maior rigor, mais estudo, maior preparação da minha parte.

III. 4. Aulas de Francês – sétimo e décimo primeiro ano

As aulas de Francês eram leccionadas pela professora, Alexandra Alves. Eu assistia às suas aulas de sétimo ano às segundas e quartas-feiras e às de décimo primeiro, às segundas, terças, quartas (só quando leccionava) e sextas-feiras. Assim que soube que ia começar a dar aulas ao sétimo ano, apetrechei-me de materiais e manuais deste nível de ensino, uma vez que a iniciação ao francês era um “mistério” para mim, mas muito desafiante na medida em que aprendi como ensinar uma matéria sem começar a debitar, ou seja, aprendi a introduzir a matéria numa turma de iniciação. Foi-me solicitado a execução de um teste diagnóstico (cf. Anexo 1) aos alunos de sétimo ano, o qual foi realizado por mim mas não chegou a ser aplicado, devido ao acidente que sofri no início do ano. Quanto à turma de décimo primeiro ano, era uma turma que já estava com a Professora Alexandra desde o décimo e alguns alunos creio que foram alunos dela em anos anteriores. A única estreante ali era eu, uma vez que iniciei o ano lectivo um pouco mais tarde, fui apresentada a ambas as turmas como aluna da Universidade Nova que estava ali a realizar o meu estágio.

Não tive problemas com qualquer uma das turmas, fui bem recebida por ambas, embora a turma de sétimo ano fosse um pouco indisciplinada e contasse com a presença de alunos repetentes.

Capítulo IV: A Turma de Português

IV. 1. Caracterização da turma de Português - décimo segundo ano

Tendo leccionado e assistido a aulas de turmas de anos completamente distintos, foi para mim uma mais valia enquanto estagiária, sendo que teve que haver um reajustamento do horário para que pudesse assistir às aulas das três turmas, duas de Francês e uma de Português.

A turma 3 do 12º ano, é uma turma que conta com alguns alunos de níveis bastante acima da média, é constituída por 16 alunos, 11 raparigas (duas das quais assistentes) e 5 rapazes.

IV. 2. Método de trabalho

No que respeita ao método de trabalho, foi acordado entre a orientadora e as estagiárias que seria necessário entregar planificações e planos de aula atempadamente. No início a realização de planificações foi um pouco complicada, uma vez que nenhuma das estagiárias teria tido formação para a construção das mesmas. Com a prática, comecei a realizar melhores planificações e a prever melhor as actividades a colocar em prática. Todas as planificações (cf. Anexo 2) eram entregues em mão ou por mail das quais recebia feedback da orientadora, para poder melhorar. “A planificação consiste na mobilização de conhecimentos em sentido lato – quer acerca do mundo e das coisas, quer procedimentais, relativos aos modos de actuar, quer contextuais referentes às situações de produção – visando não tanto a construção de um plano, no sentido tradicional, mas a representação de um destinatário e de um objectivo da comunicação.” (Amor: 2006, p.112) Para além das planificações, entregava ainda planos de aulas, onde expunha ao detalhe todas as actividades e respectivo tempo atribuído a cada uma delas (cf. Anexo 3).

Comecei a leccionar Português a 6 de Novembro com uma aula experimental sobre o heterónimo Alberto Caeiro de Fernando Pessoa, a qual contou apenas como um primeiro contacto com a turma. Após um mês de observações, comecei a leccionar Português, dei cinco aulas sobre o heterónimo Ricardo Reis. A minha primeira preocupação era a de poder transmitir ideias erradas aos alunos ou de não saber responder às questões por eles colocadas. ”Quando alguém inicia a profissão docente, teme a falta

de adequação dos seus modos de pensar e de agir com o dos seus pares, não sabe a quem pedir ajuda, nem como pautar os seus conhecimentos” (Estrela: 1997,p.53). No seguimento da ideia de Estrela, também eu tive os meus receios e estas primeiras aulas serviram, para além de poder contactar com a turma enquanto docente, para poder melhorar alguns aspectos como planificações, gestão de tempo e até diversificar materiais. No que respeita à avaliação de trabalhos de casa, comportamento e assiduidade, eu dispunha de grelhas para poder ter uma base sustentável. (cf. Anexo 4). Para além de tudo já referido, realizei com a turma também a leitura de imagens.

No segundo período, leccionei de 19 de Fevereiro a 10 de Março, uma sequência de quinze aulas cuja temática Textos épicos e épico-líricos: Camões e Pessoa: Os Lusíadas e Mensagem, me permitiu a utilização das diversas competências comunicativas; a compreensão oral e expressão oral com audição de poemas e visionamento do excerto do filme “Quem és tu?” de João Botelho. Para além disto, foi-me ainda possível aplicar o debate em sala de aula, o qual correu bastante bem, houve bastante adesão dos alunos, muita participação, com discursos lógicos e coerentes. Há que salientar que o debate seguiu a temática em estudo, tendo os alunos linhas orientadoras para poderem preparar o debate em sala de aula (cf. Anexo 5). A moderadora, Anabela, conduziu com clareza o debate, seguindo uma estrutura que ela própria preparara em casa. Os alunos mostraram-se bastante empenhados na actividade, para avaliá-la recorri a uma grelha que vai reproduzida no Anexo 6.

Nestas aulas, uma vez que estava mais tempo com a turma, houve marcação de trabalhos de casa e ainda a tentativa de motivá-los para a escrita. Após a visualização do excerto do filme *Quem és Tu?* de João Botelho, solicitei aos discentes que realizassem uma comparação entre D. Sebastião de Camões e D. Sebastião de Pessoa, tendo em atenção os Cantos I e X dos Lusíadas e os poemas de Mensagem “D. Sebastião, Rei de Portugal” e “O Desejado”. Os trabalhos foram realizados com primor pela maioria dos alunos, deixando-me satisfeita com o resultado da actividade de escrita. Concluí então que para que o aluno construa um bom texto, ou mesmo, consiga escrever a cerca de determinado tema, é imprescindível que o educando se sinta estimulado. Ao passar mais tempo com a turma consegui analisar as formas de pensar e aprender de cada um deles e adequar à turma exercícios que lhes permitissem pôr em prática os seus conhecimentos e ainda que lhes permitissem avançar. Um factor que considero ainda importante para que o aluno aprenda é o afecto, e nesse caso considero que o facto de passar mais tempo

com a turma, também fez com que me encarassem como professora deles mesmo quando a professora Maria Manuel não estava presente, e conseguisse de igual forma estimulá-los para a aprendizagem.

IV. 3. Materiais

Nas minhas planificações, tentei ser criativa e diversificar objectivos, estratégias e conteúdos, seleccionando métodos adequados aos materiais de que dispunha.

Ao nível da língua Portuguesa existia muito material, mas era necessário fazer uma selecção. Como a escola dispunha de biblioteca e ainda de uma sala onde estavam os manuais respeitantes às áreas de línguas, aproveitei para pesquisar e comparar exercícios.

Decidi utilizar parte dos materiais nas aulas e entregar fichas de trabalho e respectivas correcções e ainda sínteses como complemento ao estudo. Tudo com o intuito de poder ajudar os alunos, uma vez que se tratava de alunos pré-universitários. A satisfação e receptividade dos alunos relativamente às fichas de trabalho e correcções foi notória, pois era algo novo para eles. (cf. Anexo 7)

O manual adoptado foi o *Interações – Português 12ºano*, do qual leccionei parte da sequência 1, “*Textos Líricos, Textos de reflexão, exposição*” e toda a sequência 2 “*Textos épicos e épico-líricos*”.

IV.4. Trabalhos de casa e correcção

Os trabalhos de casa eram um ponto fulcral, pois tinham que estar bem preparados, cabia-me por vezes, para além do meu, a correcção do trabalho de casa passado pela professora Maria Manuel Martins. Primeiramente, verificava se todos tinham efectuado os trabalhos e tirava nota de quem os realizava e de quem não os realizava. Os deveres quer marcados por mim, quer pela orientadora em questão, contavam para a avaliação, no entanto, houve situações de alunos que não realizavam as actividades, pois consideravam que sendo eu estagiária, as minhas grelhas avaliativas não contariam para a sua nota final, algo para o qual foram alertados durante o ano lectivo.

Os trabalhos de casa ou fichas em sala de aula eram uma constante, sendo uma forma de melhor verificar se os alunos tinham percebido a matéria leccionada.

Para obter uma noção de conjunto dos trabalhos de casa e proceder a um registo informativo no âmbito da avaliação contínua, criei uma grelha respeitante à verificação do T.P.C. (cf. Anexo 8). A grelha revelava a data e dia da marcação do trabalho de casa e claramente quem os fazia, tendo contribuído para uma maior responsabilização do aluno e respectiva nota final.

IV.5. Observações da Professora Maria Manuel Martins

Sempre que terminava de leccionar uma aula, a professora Maria Manuel Martins, dava-me o feedback das aulas. Tendo por isso a oportunidade de melhorar na aula seguinte. Embora a gestão do tempo fosse algo complicado para mim, notei que ao longo das aulas que fui leccionando, consegui melhorar esse aspecto.

A orientadora fazia apenas as suas observações oralmente, tendo apenas entregue a sua observação de avaliação formativa no final da Prática de Ensino Supervisionado.

Para além do feedback da professora, tinha também o da minha colega Tatiana Verdes, pois assistíamos constantemente às aulas uma da outra, como forma de poder melhorar a nossa forma de ensinar. « Enseigner, c'est travailler avec un large éventail de sensibilités, de cultures, de rapports au monde (...) il faut coopérer, travailler en équipe »¹⁰.

Era com base nessas observações que eu preparava as aulas seguintes, tentando apostar nos pontos fortes e ultrapassar os pontos fracos.

IV.6. A reunião semanal com a orientadora

Todas as semanas, às segundas-feiras e ocasionalmente às quartas-feiras, reunia-me com a Professora Maria Manuel Martins e a minha colega Tatiana Verdes, durante uma a duas horas para discutirmos as aulas dessa semana.

Analísávamos aquilo que tinha corrido bem e menos bem nas nossas aulas, com vista a melhorar as próximas, focávamo-nos essencialmente na planificação, definíamos metodologias e parâmetros.

¹⁰ Citação retirada do texto “*L`enseignement n`est plus ce qu`il était!*”, cedido pela professora de estágio Alexandra Alves, retirado do site www.ordp.vsnet.ch a 13.11.05

Em todos estes seminários, uma de nós, estagiárias, ficava responsável por efectuar uma acta e entregá-la na semana seguinte aquando da nova reunião.

Nestas actas constavam todos os assuntos tratados quer comigo, quer com a minha colega no que respeita a planificações de aulas e ainda enumeração de documentos importantes para nós enquanto futuros docentes.

IV.7. Conclusão

Em suma, posso então proceder a uma auto-avaliação referente ao meu progresso nas aulas de língua portuguesa. Esta avaliação recai sobre quatro pontos essenciais; (1) Competências de base, (2) Programação e Organização de Saberes, (3) Actuação Pedagógica, (4) Avaliação.

No que respeita ao ponto (1), os enunciados dos trabalhos foram elaborados com clareza, no entanto verifiquei que à medida que as aulas iam passando havia mais rigor.

As aulas foram todas preparadas com antecedência, o que foi diferente do primeiro período. Neste ponto considero que houve mais preparação, mais rigor o que resultou de mais tempo para estudar e preparar melhores materiais para as aulas.

A matéria em questão Os Lusíadas de Camões e Mensagem de Fernando Pessoa, não é uma matéria fácil e por isso requer muito estudo e preparação, apesar desse estudo ser feito em casa, por vezes faltava aprofundar mais a questão para melhor explorar os textos, no entanto considero que os alunos conseguiram apreender bem a matéria e sempre que não percebiam, havia da minha parte explicação, no início um pouco relutante por receio de transmitir ideias erradas, mas com a continuação das aulas, fui conseguindo dar essas respostas e explicações um pouco mais à vontade.

No que respeita às competências profissionais gerais, houve maior responsabilidade, fui assídua, pontual (excepto uma aula em que me atrasei), cumpri os prazos de entrega de trabalhos e entreguei correcção de algumas fichas de trabalho para que pudessem utilizar como instrumento de estudo, caso dos poemas de Mensagem de Fernando Pessoa, o “Mostrengo”, o “Adamastor” e o “Infante”. Os trabalhos de casa foram sempre corrigidos por mim e houve sempre verificação da realização dos mesmos.

Considero que as fichas de trabalho referentes aos poemas supracitados funcionaram como um estímulo para os alunos, pois era uma forma de organizarem a matéria leccionada.

Tentei sempre estimular os alunos abrangendo as diversas competências.

Quanto ao ponto (2) no início nem sempre houve rigor em alguns aspectos das planificações mas à medida que as aulas foram avançando, fui aperfeiçoando, tentei sempre que houvesse coerência nos materiais e que estes fossem diversificados (TV, Vídeo, Acetatos, Computador Portátil). Enquanto docente tentei incentivar os alunos à prática da leitura diversificada (debate) e à prática da escrita (fichas de trabalho, textos de reflexão).

No que concerne o ponto (3) Actuação Pedagógica, penso que proporcionei um ambiente favorável em sala de aula, disponibilizando-me sempre para esclarecer os alunos, contudo verifiquei que nem sempre as questões eram pertinentes, mas notei uma melhoria e uma maior segurança neste ponto em relação ao primeiro período.

Por último, o ponto (4) Avaliação - Nem sempre foi fácil enfrentar situações de pergunta-resposta porque por vezes havia insegurança na resposta, contudo penso que não transmiti essa insegurança para os alunos. A gestão temporal foi um ponto complicado para mim, pois aquando da realização das planificações tinha receio que ficasse com momentos mortos nas aulas, o que não acontecia e acabava por não terminar a planificação, no entanto, julgo que consegui gerir melhor o tempo, na segunda semana de aulas, e por consequência consegui cumprir a planificação.

Em suma, considero que aprendi muito com este estágio, porque dar aulas sem nunca passar por esta experiência não é a mesma coisa, pois a organização e planificação são essenciais na formação do docente.

O professor ensina, mas nunca sabe tudo e é sempre necessário aprofundar os seus conhecimentos para que não transmita ideias erradas aos alunos e para que estes aprendam algo com o docente. É fundamental para nós, enquanto educadores ter contribuído para a formação dos nossos alunos.

Espero que tudo aquilo que aprendi possa ser-me útil futuramente na minha actividade como profissional docente.

Capítulo V: As Turmas de Francês

V.1 Caracterização da turma de Francês – sétimo ano

A turma 2 do 7º ano de Francês da Escola Secundária Fernão Mendes Pinto é constituída por 23 alunos, dos quais 11 são raparigas e 13 são rapazes. Alunos que na sua maioria iniciam a aprendizagem da língua francesa à excepção de um repetente. A turma era bastante barulhenta, havendo alguns casos de indisciplina.

V.2. Caracterização da turma de Francês – décimo primeiro ano

A turma 6 do 11º ano de Francês é constituída por 16 alunos, dos quais 13 são raparigas e 3 são rapazes. A turma caracteriza-se essencialmente na sua maioria por falta de interesse, alienação. Nota-se que é uma turma que não está habituada a trabalhar, uma turma insegura, relativamente à língua francesa, pois não têm iniciativa na realização de tarefas.

V. 3. Método de trabalho

No primeiro período leccionei dez aulas à turma de 11º ano, cujo tema abordado em sala de aula foi “Information et Communication”, mais precisamente a Publicidade. Decidi iniciar o tema questionando os alunos, sobre os objectivos da publicidade, em que consiste a publicidade, quais os elementos que a constituem e em seguida pedi-lhes que me descrevessem algumas imagens publicitárias. Fui gradualmente inserindo o tema para chegar à produção escrita de um texto de protesto contra ou a favor da publicidade, «Le fait de demander au sujet de verbaliser à propos de son activité de production peut induire, et non pas révéler les processus de planification ».

Relativamente à turma de 7ºano, no primeiro período, foi abordado o tema de “L’École”, uma vez que se tratava de alunos principiantes na língua francesa, foi necessário arranjar estratégias para que pudessem chegar ao objectivo que era a criação de um “Emploi du Temps”. Para este objectivo atingir, foi importante fornecer diversos dados, levando os alunos à aprendizagem dos dias da semana, das horas realizando assim uma ficha de trabalho, na qual todos os alunos mostraram empenho e satisfação. (cf. Anexo 9)

No que respeita às aulas de 7º ano referentes aos dias 22 e 24 de Fevereiro de 2010 cujo tema “Hygiène et Santé”, considero que respeitei a planificação e consegui

motivar os alunos com fichas de trabalho e exercícios diversificados, sendo que no dia 24 não consegui gerir bem o tempo, pois a correcção do T.P.C sobre os artigos partitivos foi demasiado longa, não conseguindo concluir a actividade que tinha planificado. Contudo, considero que permiti a comunicação em sala de aula, dei sempre instruções claras e houve da minha parte um reforço positivo quando os alunos respondiam às questões ou demonstravam interesse em participar nas actividades, penso que proporcionei um ambiente favorável ao trabalho e à autonomia dos alunos.

Quanto às aulas de 11º ano referentes aos dias, 12, 16 e 17 de Março de 2010, cujo tema “L’Environnement”, considero que a planificação foi cumprida, as aulas decorreram com fluidez e os materiais foram interessantes e motivadores. Consegui abranger todas as competências, o que fez com que as aulas fossem diversificadas e motivassem os alunos para a actividade final, a realização de um panfleto ecológico.

Os alunos estiveram bastante participativos sendo que no dia 17, o grupo de trabalho era menos participativo, no entanto, do meu ponto de vista a aula foi bem conseguida e os alunos mostraram-se muito empenhados na elaboração do panfleto. Todas estas informações podem ser consultadas nas planificações.

Ao trabalhar com os alunos actividades diferentes daquelas que eles estão habituados, senti que estes estavam motivados, embora tivessem que escrever, não se tratava de uma escrita exaustiva, nem de escrever por escrever. Tratava-se de elaborar um panfleto ecológico e todos eles manifestaram interesse pelo tema. O fato de se tratarem de alunos do 11º ano faz com que por vezes o professor não utilize materiais criativos, levando a aulas rotineiras que se manifestam num desinteresse por parte dos alunos em relação à língua francesa.

Durante o período que leccionei quis provar que é possível motivar alunos desta faixa etária com outro tipo de actividades, não recorrendo apenas ao típico “Vamos abrir o livro na página x...”

V. 4. Materiais

Nas minhas planificações, tentei ser criativa e diversificar objectivos, conteúdos e estratégias, seleccionando as metodologias mais adequadas aos materiais de que dispunha tal como efectuei ao nível da língua portuguesa. No caso da turma de sétimo

ano, tinha liberdade para diversificar, mas, ao mesmo tempo utilizar o manual “Mots Croisés”, o qual dispunha de CD que por diversas vezes foi utilizado.

Para além do livro, os alunos possuíam também um caderno de exercícios, e era essencialmente, mas não só, com base nisso que faziam os trabalhos de casa.

Enquanto professora estagiária tinha um manual do professor, com sugestões para dar as aulas. Recorri a todos estes materiais auxiliares, pois considerei-os adequados e práticos, recorrendo ainda a manuais como “Club des mots”, “Rendez-vous des Mots”, entre outros.

V.5. Elaboração de teste

Tive a oportunidade de elaborar um teste de avaliação à turma de 11º ano, outro diagnóstico à turma de sétimo ano e diversas fichas de trabalho. No que concerne, aos testes, o de 11º ano não foi aplicado, sendo que o de 7ºano, cujo tema, a família foi utilizado mas como ficha de trabalho. (cf. Anexo 10).

V.6. A aplicação da Escrita ao nível do Português e do Francês

Em ambas as disciplinas, a par dos materiais associados ao manual, recorri à utilização de fichas de trabalho, à utilização de meios audiovisuais como meio motivacional para a escrita. « L’enseignement doit les prendre en compte, en terme de « déjà-là », car le rapport à l’écriture ne se développe pas seulement en relation avec les apprentissages scolaires. Il dépend d’une multitude de facteurs : psychologiques, sociaux (scolaires en particulier) et culturels. Sachant que prendre en compte le « déjà là » ne signifie pas en rester là. Le rôle de l’école étant bien évidemment de développer le rapport à l’écriture et de l’infléchir, de manière à permettre aux élèves d’accéder aux plus hauts niveaux d’usage de l’écrit : écrire pour communiquer, pour s’exprimer, pour enregistrer des connaissances, mais également pour en produire ou pour exprimer des points de vue sur celles-ci. »¹¹ Outro meio motivacional para escrita, tal como referi no início do meu relatório de estágio é o jogo, sendo um elemento fundamental no processo de aprendizagem da escrita e em aulas de iniciação à língua, como é o caso do Francês de

¹¹Citação retirada do site <http://rechercheseducations.revues.org/index283.html>. Consulté le 13 décembre 2009.

7º ano, muitas vezes recorri a este tipo de atividades para introduzir a matéria e para os levar ao objetivo final, a escrita. Nesta faixa etária, os jogos são muito apreciados, de tal modo que tentei tirar partido disso, colocando-os ao serviço dos conteúdos programáticos.

As palavras cruzadas, as sopas de letras, o jogo da força ou identificação de imagens eram uma constante nas aulas de Francês da turma de 7º ano, uma vez que estes jogos levavam à escrita, uma actividade temida pela maioria dos educandos por se tratar de um primeiro contacto com a língua francesa. Através dos jogos como meio motivacional para a escrita pude constatar que a maioria dos alunos realizava as fichas de trabalho com grande satisfação e entusiasmo revelando ter apreendido a matéria, o que veio confirmar a validade do método.

V.7. Observações da Professora Alexandra Alves

As aulas de Francês que leccionei corresponderam com a data das de Português, no entanto não invalidou a preparação prévia das mesmas.

Relativamente às primeiras aulas leccionadas por mim, a professora Alexandra entregou-me por escrito o Feedback de cada uma delas.

Segundo a orientadora, Alexandra Alves, houve uma boa preparação das aulas, uma boa utilização de estratégias diversificadas, embora fosse necessário mais ousadia da minha parte. As competências da disciplina foram trabalhadas de forma adequada e diversa.

V.8. A reunião semanal com a orientadora

Semanalmente, às terças-feiras depois das aulas de Francês, reunia com a Professora Alexandra Alves. Nestes seminários aproveitava para colocar as minhas questões em relação às competências, à metodologia a utilizar e a estrutura da aula. Levava comigo os manuais, textos ou exercícios seleccionados para trabalhar nas aulas seguintes e a partir desses documentos, estruturava a aula, englobando sempre todas as competências, conforme se pode verificar nas planificações por mim realizadas. (cf. Anexo 11)

Estas reuniões eram sumariadas, servindo apenas como uma referência para nós.

V.9. Conclusão

Considero que o estágio em Francês foi positivo, pois proporcionou-me uma preparação mais consistente para a minha futura actividade de professora.

Observei dois níveis diferentes – sétimo e décimo primeiro ano – tendo leccionado duas turmas nos níveis opostos de aprendizagem – a iniciação ao francês e o ensino secundário.

A troca de ideias com a minha orientadora foi uma mais valia para a preparação das minhas aulas e das planificações das mesmas.

Para além de recorrer à utilização do manual escolar, tive a oportunidade de elaborar os meus próprios materiais, os quais eram recebidos com bastante entusiasmo pelos alunos.

Com base na minha prática lectiva, confirmei que estes pequenos materiais, quer folhetos, quer fichas motivam para a escrita. No futuro, tenciono aplicá-los, pois são altamente vantajosos para alunos e professores. (cf. Anexo 12)

As dificuldades enfrentadas no início do estágio fizeram com que me empenhasse e recorresse a diversos manuais e materiais para poder superar estas minhas dificuldades.

Capítulo VI: Outras actividades realizadas com os alunos

VI. 1. Semana da Francofonia

A semana da Francofonia realizou-se na Escola Fernão Mendes Pinto de 19 a 26 de Março de 2010, na qual participei ao elaborar uma exposição sobre a Francofonia e países francófonos. Em conjunto com a professora Alexandra Alves, reunimo-nos na sala de professores para escolher o material que eu havia pesquisado no instituto Franco-portugais. O material foi aprovado e partimos para o trabalho de bricolage e para a exposição.

VI. 2. Concurso de Leitura em Língua Francesa

No âmbito das actividades desenvolvidas durante a Semana da Francófonía é de salientar outras actividades dinamizadas durante a semana e que procuraram divulgar a Francofonia junto da comunidade escolar e celebrar a riqueza e diversidade da língua francesa, nomeadamente: a projecção do filme de animação Persépolis (2007) de Marjane Satrapi e Vincent Paronnaud; a exposição temática na Sala Polivalente; o lançamento do concurso "Dis-moi, dix mots dans tous les sens"; a divulgação de obras francesas em versão original ou em tradução portuguesa, livros e filmes para ler e apreciar na Biblioteca Escolar.

Realizou-se no dia 22 de Março de 2010, segunda-feira, pelas 15h30, no Anfiteatro da Escola Secundária F.M. P em Almada, o primeiro Concurso de Leitura em Língua Francesa, no qual eu participei como júri, tendo a responsabilidade de avaliar os alunos, segundo vários parâmetros de leitura, o que nem sempre foi uma tarefa fácil.

Nesta actividade participaram os alunos representantes de cada uma das turmas do Ensino Básico que leram de modo exemplar, um texto adequado ao seu nível de aprendizagem. Aos vencedores: Miguel Guerreiro (7º1); Pedro Silva (8º 1) e Carlota Mendonça (9º1) foram atribuídos livros em Francês, "Astérix" para 7º e 8º ano e "Le

Petit Prince” de Saint-Éxupéry para o 9º ano. O concurso correu da melhor forma e os leitores conseguiram surpreender os jurados.

VI. 3. Projeto *Comenius*

Comenius é uma concepção de trabalho e de aprendizagem que consiste no intercâmbio de saberes entre escolas da UE. Inclui parcerias entre alunos e professores das escolas participantes através da realização de trabalhos dos alunos e visitas de estudo ao país parceiro e tem como objectivos a troca de experiências, ao nível da língua, cultura, costumes e valores, ao nível das práticas de ensino e ainda no estreitamento de relações entre os estados da União Europeia.

O Projecto *Comenius* na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto tem como tema “Borders”, é um projecto com continuidade até 2011. Os Parceiros neste projecto são a Áustria, a Hungria, Portugal (com a escola Fernão Mendes Pinto), a Turquia e a Itália.

No dia 19 de Outubro de 2009, assisti a uma videoconferência em que os alunos se reuniram e prepararam um questionário para realizar a alunos parceiros neste projecto. Contudo, a videoconferência não correu conforme previsto, uma vez que os italianos, austríacos, húngaros e os turcos não estavam devidamente informados acerca do trabalho a desenvolver, o fuso-horário foi outra questão que não foi tida em conta e por isso os alunos *estrangeiros* não estavam presentes no Messenger para comunicar com os alunos Portugueses. Impossibilitados assim de aplicarem o questionário que tinham preparado, foi marcada uma nova videoconferência.

No âmbito da mesma actividade no dia 6 de Janeiro realizou-se na sala 38 às 19h uma sessão de apresentação sobre a Mobilização a Viena.

Os alunos da turma de 11º ano de Francês realizaram trabalhos sobre personalidades conhecidas em Portugal e enviavam para as escolas dos países inseridos neste projeto com o intuito de dar a conhecer um pouco da nossa história e da nossa cultura.

Capítulo VII: Participação em reuniões

VII. 1. Reuniões de Departamento

Durante o meu estágio, participei na segunda reunião de departamento de Português, realizada no dia 25 de Fevereiro pelas 17h20 na sala 27, a qual constituiu uma oportunidade para travar conhecimento com o restante grupo docente, mas também para verificar a complexidade deste tipo de reuniões em que há divergência de opiniões. Participei ainda numa reunião de departamento de Francês, a qual serviu para estipular actividades e verificar a disponibilidade de cada um para as respectivas actividades.

VII. 2. Conselhos de Turma

No primeiro período assisti no dia 18 de Dezembro pelas 11h15 ao conselho de turma relativo à turma do 11º de Francês. Por volta das 17h15 do mesmo dia assisti ao conselho de turma de Português, não sendo possível assistir ao C.T referente à turma 2 do 7º ano, uma vez que estava sobreposta ao de Português.

O conselho de turma de Português seguia a seguinte ordem de trabalhos:

- 1-Informações;
- 2-Análise do aproveitamento e comportamento global e individual da turma;
- 3-Outros Assuntos;

No que respeita ao ponto (1), os docentes referiram que nas reuniões de encarregados de educação apareceram poucos pais e que foram realizados alguns contactos telefónicos para que os encarregados de educação ficassem a par da falta de assiduidade dos filhos.

No ponto (2) foi realizada uma tabela da qual constavam as notas dos alunos e ainda outra onde foi feita uma análise global da turma ao nível do comportamento e do aproveitamento tendo sido considerada, de um modo geral, em termos avaliativos ao nível do Bom.

No que respeita à Língua Portuguesa, a professora Maria Manuel Martins considerou que a turma faz sempre os trabalhos, é uma turma com elevada capacidade de trabalho, sendo que alguns alunos destoam.

No ponto (3), os docentes destacaram uma frase para caracterizar a turma e classificaram os alunos numa tabela, com a avaliação de Bom, Médio e Fraco tendo em

conta os seguintes aspectos; Expressão oral, Raciocínio, Assiduidade, Comportamento, Cooperação e Relações Interpessoais.

Ficou concluído neste conselho de turma que os alunos trabalham muito, escrevem bem, embora existam algumas exceções.

No conselho de turma de Francês, foi seguida praticamente a mesma ordem de trabalhos do que na anterior, falou-se sobre a assiduidade dos alunos e confirmaram-se as notas dos mesmos, houve uma apreciação sobre o rendimento escolar por disciplina e no que respeita ao Francês a professora Alexandra Alves destacou a regularidade com que os alunos começavam a realizar as atividades, mas por outro lado destacou também a dificuldade que grande parte dos alunos apresenta.

No segundo período, em Fevereiro, mais precisamente, no dia 8 e no dia 10, assisti a reuniões intercalares de Conselho de turma relativas às turmas de 7º e 11º ano de Francês.

A 30 de Abril realizou-se o Conselho de turma de Francês, não tendo sido possível comparecer, pois estava no seminário de Português com a Professora Maria Manuel Martins.

Capítulo VIII – Reflexões finais sobre a Escrita

No decorrer das aulas fui-me apercebendo, no que respeita ao Francês língua estrangeira que os alunos não se sentem confortáveis diante da atividade de produção escrita; seja pelo fato de desconhecerem o vocabulário da Língua Estrangeira e, por isso, recorrerem muito ao dicionário em qualquer actividade que lhes era solicitada quer pela falta de hábito de escrever em Francês.

Os alunos possuem conhecimento acerca dos diversos géneros de texto e isso pode ser fundamental no auxílio da aprendizagem da produção escrita e pode levar a identificar as principais dificuldades do aprendiz de Francês como língua estrangeira. De um modo geral, os alunos não se sentem muito confortáveis quando se trata de escrever. De certo modo, esse desconforto é previsível quando o assunto é a produção escrita em Francês, pois o aluno precisa ter domínio sobre várias competências linguísticas para que a sua produção escrita ocorra de forma mais simples, motivando a aprendizagem.

A tomada de consciência das limitações e desafios que a escrita coloca a todos os que escrevem pode ajudar os professores a transformarem-se em mediadores dos alunos. Realmente, as dificuldades que os alunos têm numa fase inicial da produção escrita e ao longo do currículo, são comparativamente iguais às dificuldades encontradas por um adulto quando escreve. Os professores necessitam experimentar processos de desbloqueamento da sua própria actividade de escrita e precisam cultivar uma atitude de produção continuada da linguagem escrita, de modo a poderem entender melhor e ajudar, com maior eficácia, os alunos na sua aprendizagem.

A aprendizagem da escrita nunca está concluída, está sempre em constante renovação. Quem escreve, está sempre a iniciar-se na escrita desse mesmo texto, daí que as dificuldades de um aluno em iniciação na escrita são da mesma natureza das dificuldades encontradas por um adulto.

Concordo quando por vezes na nossa sociedade se ouve que *“cada vez menos se escreve e se lê, na nossa sociedade do audiovisual e do imediato”*, sendo que depois quem se depara com as dificuldades do uso da escrita é a escola, mais precisamente, o professor. Contudo convém referir que na sociedade actual, o aluno escreve menos e lê menos aquilo que lhe é imposto pela escola, em contrapartida devido às novas tecnologias os jovens acabam por escrever mais em blogs, chats, embora seja uma escrita caracterizada pela falta de rigor e bastante abreviada. Por isso o importante é

motivar para escrever bem. No decorrer do meu estágio, deparei-me com três turmas bastante distintas, a de 7º ano de Francês apresentava grandes dificuldades ao nível da escrita, o que era normal, pois tratava-se de uma turma de iniciação, embora quando motivados e estimulados para essa actividade a realizassem, na sua maioria, sem dificuldade. No início a sua escrita era por tópicos, tendo depois começado a introduzir os tempos verbais, os artigos definidos e indefinidos e numa fase final do meu estágio já conseguiam escrever uma ou duas frases sem erros.

A disciplina de Francês deve proporcionar aos alunos, no decorrer do 3º ciclo, segundo refere o programa curricular de 7º ano de Francês, meios que os levem a *“expressar, com alguma criatividade, a sua intenção de comunicação, em mensagens adequadas ao seu desenvolvimento linguístico, psicológico e social”*¹²

No que respeita à turma de 11º ano de francês, língua estrangeira, notei que era uma turma completamente desmotivada e com bastantes dificuldades ao nível da escrita e da oralidade, sendo que não estavam habituados a usar dicionário e quando eu decidi levar dicionários para as aulas para os poder auxiliar na prática da escrita, e claro, na aquisição de vocabulário, verifiquei que eles viam todas as palavras no dicionário e formavam textos de francês a partir do que escreviam em português, língua materna. Tal não deveria acontecer, pois eles deveriam produzir aquilo que pretendiam em língua estrangeira para se poderem habituar à língua. A visualização de filmes no segundo período do ano lectivo passou a ser uma constante como forma de aquisição de cultura, costumes e vocabulário da língua francesa. Esta prática era seguida de um guião o que requeria dos alunos mais atenção ao filme. Durante este percurso algumas questões surgiam; Como ajudar os alunos a superar este “trauma” da escrita? Quando intervir?

A escrita é utilizada como um produto final, como algo que é avaliado pelos professores. *“(…) mesmo na aula de Português – o aluno escreve, quase exclusivamente, para ser avaliado e é-o, apenas, em relação ao produto final da escrita.”*¹³ No entanto, a curta duração das aulas faz com que a prática da escrita seja descuidada, pois os professores deixaram de ter tempo para corrigir os textos escritos pelos alunos. Essa avaliação consiste muitas vezes em assinalar os erros ortográficos, em substituir uns termos por outros sem, na maioria das vezes, o aluno perceber o porquê dessa correção. O docente atua apenas ao nível da superfície da escrita e não sobre as grandes questões de estruturação textual que são moldadas, essencialmente,

¹² Organização Curricular e Programas, Ensino Básico 3º ciclo, volume I, Ministério da Educação, 303.

¹³ Amor, Emília (2006), Didáctica do Português – Fundamentos e Metodologia, Texto Editores. P.114

pela intencionalidade comunicativa. Contudo o programa de Português defende que *“A avaliação é assim vista como um meio regulador da prossecução de objectivos pré-estabelecidos e não como um fim, orientando e melhorando de forma progressiva os processos e os produtos do ensino e da aprendizagem. Contínua e formativa, a avaliação permitirá o diagnóstico de necessidades individuais, a caracterização de estilos pessoais de aprendizagem, conduzindo a uma conseqüente diferenciação no ensino. (...) A especificidade da aprendizagem de uma Língua Estrangeira vai reflectir-se na avaliação, que incidirá mprioritariamente sobre a competência de comunicação nas suas várias vertentes, mas também sobre o desenvolvimento de capacidades, a reflexão sobre atitudes e valores inerentes ao crescimento pessoal e social do aluno.”*¹⁴

Em suma, age-se como se os alunos em aprendizagem já devessem dominar a língua escrita.

No caso das aulas de Francês, a escrita não está a ser trabalhada de modo a terminar com as dificuldades dos alunos, pois o ensino da gramática está a ser trabalhado como algo à parte da aprendizagem da escrita, em que são apenas ensinadas as regras gramaticais. Esta forma prejudica o aluno, que terá graves dificuldades em escrever um texto ou mesmo interpretá-lo de forma adequada. Desta feita, o professor deve inovar e ensinar de um modo mais interativo e reflexivo, para que a sala de aula possa ser considerada um local onde se constrói conhecimento. Para tal, o docente deve incentivar à leitura e, por conseguinte despertar no aluno a vontade de escrever.

Ao nível da língua materna, Português, a turma de 12º ano era uma turma exigente, muito inteligente e que exigia de mim muita preparação, embora houvesse alguns alunos com bastantes dificuldades ao nível da escrita e articulação de ideias.

Segundo o programa de Português do Ministério da Educação a disciplina de Língua Portuguesa *“deve desenvolver os mecanismos cognitivos essenciais ao conhecimento explícito da língua, bem como incentivar uma comunicação oral e escrita eficaz, preparando a inserção plena do aluno na vida social e profissional, promovendo a educação para a cidadania, contribuindo para a formação de um bom utilizador da língua, habilitando-o a ser um comunicador com sucesso e um conhecedor do seu modo*

¹⁴ Programa de Francês níveis de continuação e de iniciação 10º, 11º e 12º anos - formação geral, Ministério da Educação, Departamento do ensino secundário, p.94.

de funcionamento, sujeito que se estrutura, que constrói a sua identidade através da linguagem para poder agir com e sobre os outros, interagindo.”¹⁵

Sem ignorar a vertente extracurricular, sociocultural da escrita, associada à problemática da leitura, há que ter consciência da existência no sistema de ensino de um conjunto de fatores responsáveis pela desertificação no âmbito da escrita. Fatores esses destacados por Emília Amor, “(...) a escassez e o artificialismo das situações de produção de texto: ausência de destinatário e de objectivos concretos condutores da escrita, bem como de mecanismos de circulação social dos textos.”¹⁶. De igual modo existem outras situações que levam a este fenómeno de desertificação como é o caso do professor solicitar uma composição sobre determinado tema. Mas a que género textual pertence esta produção escrita, tantas vezes, apelidada de composição? O fato dos discentes terem uma folha em branco sem qualquer orientação faz com que se sintam perdidos, sem ideias. Este vazio da orientação quer ao nível das características do texto, quer ao nível de processamento levam a que se exija ao aluno um plano do texto. Este plano é muitas vezes solicitado ao aluno para que estruture as suas ideias no papel antes de iniciar o texto propriamente dito, contudo, raramente são instruídos nos modos concretos de o realizar com sucesso.

Nas aulas da Professora Maria Manuel Martins verifiquei algumas vezes que a docente entregava um texto aos alunos com diversos tópicos de abordagem e para desenvolverem essa temática os discentes tinham que, antes de mais, apresentar um plano, o que para meu espanto alguns já faziam muito bem e tinham em conta diversos aspectos ensinados pela professora, contudo havia aqueles que, ou porque não perceberam, numa fase inicial, como se fazia o plano e por isso não se quiseram preocupar em questionar uma vez mais e simplesmente não realizavam os trabalhos de casa ou simplesmente como não percebiam como se fazia o plano começaram a desmotivar, acabando alguns por desistir da disciplina.

*“Levar o aprendente a apropriar-se da escrita dos mecanismos básicos que a sustentam, a utilizá-la de modo intencional e pessoal, em situações diversificadas, e auto-regular esse uso são os objectivos prioritários a que se subordinará a sua intervenção.”*¹⁷

¹⁵ Programa Curricular de Português, 10º, 11º e 12º ano, Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, Ministério da Educação, p.2

¹⁶ Amor, Emília (2006), Didáctica do Português – Fundamentos e Metodologia, Texto Editores. P.114

¹⁷ Idem.

Ao longo desta reflexão tentei sempre destacar algumas estratégias de intervenção por parte do docente em relação à motivação para a habilidade da escrita, sendo que diversos autores “propõem o aproveitamento dos modelos representativos do processo redaccional, como referência para a acção docente”¹⁸, pautando-se estas “pelas características específicas do produto a obter; pelo funcionamento cognitivo do aluno, perante as tarefas relativas a cada fase de produção(...) colocando o processo de avaliação formativa ao serviço da própria aprendizagem.”¹⁹

Em suma é necessário que os professores consigam distinguir o ensino da produção escrita, do ensino da gramática, do ensino da leitura, da análise literária, da actividade de ditado, da actividade de preenchimento de espaços em branco. É ainda de salientar que a preocupação em ajudar os alunos que revelam dificuldades, não deve impedir o professor de trabalhar com os que escrevem bem, de modo a que não sejam esquecidos e possam, ao ser motivados, ir mais longe nesta aventura que é a produção escrita. “O professor terá de ser um observador permanente das actividades e atitudes de cada aluno, respeitando o seu ritmo próprio, favorecendo o progresso na aquisição de conhecimentos e no apuramento ético dos seus comportamentos, de molde a despertar nele a capacidade de construir a sua própria aprendizagem, o gosto de colaborar activamente com os outros em ordem ao crescimento individual e aprofundamento das suas estratégias de participação.”²⁰

¹⁸ C.Garcia-Debanco citado por Emília Amor, p.115.

¹⁹ Amor, Emília (2006), Didáctica do Português – Fundamentos e Metodologia, Texto Editores. P.115

²⁰ Organização Curricular e Programas, Ensino Básico 3º ciclo, volume I, Ministério da Educação, p.314

Conclusão

Reflectindo sobre o meu percurso académico desde o início do ano lectivo, vejo que tomei a decisão certa ao candidatar-me ao Mestrado em Ensino, embora o estágio tenha ficado muito aquém das expectativas. A integração foi fácil embora tardia, devido a um grave problema de saúde, que felizmente foi solucionado.

A relação com as orientadoras não foi a esperada, no entanto, tanto eu como a minha colega de estágio notámos um melhor acolhimento com o passar do estágio da Orientadora de Português, a qual posso dizer que me motivou a querer fazer melhor e a sentir que era capaz de fazer melhor.

O suporte teórico absorvido na faculdade foi importante na medida em que constituiu um grande apoio para a prática, contudo no início foi complicado materializar aquilo que aprendera anteriormente, superei algumas destas dificuldades com a prática e com a colaboração das orientadoras.

No que respeita às aulas de Português que observei, as da Orientadora e as da minha colega de estágio, considero que foram enriquecedoras, pois é sempre bom ver não só as aulas de quem já tem uma bagagem sólida na área mas aprender também com quem está agora a ter o primeiro contacto com o ensino. Estas observações vieram beneficiar-me a diversos níveis, uma vez que contribuíram para que melhorasse a minha prática lectiva.

Ao nível das aulas de Francês tinha uma desvantagem, pois eu era a única estagiária e apenas observei as aulas da Orientadora, o que me limitou ao nível da troca de ideias e experiências.

Descobri um novo interesse, a avaliação, a qual me fazia alguma confusão, pois não sabia quais os critérios a seguir, qual a cotação a aplicar a esta ou àquela questão. Na origem deste interesse esteve a elaboração e correcção dos testes às turmas que leccionei, os exames orais e as grelhas de avaliação que efectuei.

Ao longo do estágio tentei sempre que as minhas aulas estivessem de acordo com o programa, tendo sempre a preocupação de motivar os alunos para aprendizagem.

Neste relatório, procurei dar uma panorâmica do que foram estes sete a oito meses de estágio com a preocupação de aplicar a escrita e motivar para a realização da mesma, o que nem sempre foi tarefa fácil, mas que com a aplicação de novos materiais

e novas estratégias levou ao sucesso. Espero que este balanço me sirva de suporte para uma futura carreira.

Bibliografia

AMOR, Emília, *Didáctica do Português – Fundamentos e Metodologia*, 6ª edição, Lisboa, Texto Editores 2006.

BELLENGER, L.1981 – *L'Expression Écrite*, Paris, Presses Universitaires de France.

BACH, Pierre, *O Prazer Na Escrita*, Colecção práticas pedagógicas, 1ª edição, Rio Tinto, Edições Asa 1991.

CAMPOS, Bártolo Paiva, *Formação de Professores em Portugal*, Lisboa: IIE 1995.

CARVALHO, José António Brandão S., *O Ensino da Escrita da teoria às práticas pedagógicas*, 1ª edição, Braga: IEP 1999.

DUARTE, Inês; Mourão, Paula, *Ensino do português para o séc. XXI*. Lisboa: Colibri, 2006.

FAULSTICH, E. L. de J. *Como ler, entender e redigir um texto*. Petrópolis: Vozes, 2009.

FERNANDES, JOÃO (2001). *Saberes, competências, valores e afectos necessários ao bom desempenho profissional do/a professor/a*. Lisboa, Plátano Edições Técnicas.

FONSECA, Selva Guimarães, *Caminhos da História Ensinada*, 2ª edição São Paulo: Papyrus,1994.

GÂNDAVO, P. de M. 1981 – *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua Portuguesa*, edição fac-similada, Lisboa, Biblioteca Nacional.

HÉNAUT, A. e Margerie, C. 1974 – *L'écrit, spécificité et diversité*, le français dans le monde, 109, Hachette, Larousse.

NASCIMENTO, Zacarias e Pinto, José Manuel de Castro, *A dinâmica da escrita - como escrever com êxito*, 1ª edição, Lisboa: Plátano Editora, 2001.

ONG, W. J. *Orality and Literacy. The Technologizing of the Word*, Londres: Methuen & Co. Ltd, 1982.

PATRÍCIO, MANUEL, *A Escola Cultural – Horizonte Decisivo da Reforma Educativa*. Lisboa, Texto Editora, 1993.

PEREIRA, Maria Luísa Alvares, *Escrever em Português. Didácticas e Práticas*. Porto: Edições Asa, 2000.

PEREIRA, Maria Luísa Alvares, *Das Palavras aos Actos, Ensaio sobre a Escrita na escola*, 1ª edição, Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Inovação Educacional, 2002.

PERRENOUD, Philippe, *Novas competências para ensinar*, Porto Alegre: ARTMED,2000.

POURQUIER, R e Frauenfelden, U. 1980 – *Enseignants et apprenants face à l'erreur*, le français dans le monde, Hachette, Larousse.

ROLDÃO, Maria do Céu, *Gestão do Currículo e Avaliação de competências. As questões dos professores*, 3º ed., Lisboa: Presença, 2003.

ROSÁRIO, TROVÃO, *O sentido e a acção*. Lisboa, Instituto Piaget, 1999.

VILAS-BOAS, António José Leite, *Oficinas de Escrita*. Porto: Edições Asa, 2003.

Textos Electrónicos

Christine Barré-De Miniac, « Du rapport à l'écriture de l'élève à celui de l'enseignant », *Recherches & éducations*, n°2 | 3e trimestre 2002, [En ligne], mis en ligne le 15 octobre 2008. URL : <http://rechercheseducations.revues.org/index283.html>. Consultado a 13 de dezembro de 2009.

<http://www.esfmp.pt/sites/esfmp.pt/files/pee.pdf>, Consultado em Abril de 2010.

Anexos

Anexo 1



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto - Almada

Teste de Diagnóstico de Francês

Nível 1 – 7º ano

Vamos ver o que conheces da França...

Escolhe a opção correcta e assinala-a com um X.

1- Qual a capital da França?

- a) Lisboa
- b) Madrid
- c) Lyon
- d) Paris

2- Observa a figura e diz qual o seu nome.

- a) Arco do Triunfo
- b) Torre de Belém
- c) Torre Eiffel
- d) Mosteiro dos Jerónimos



3- Paris é também conhecida como...

- a) “a cidade brilhante”
- b) “a cidade escura”
- c) “a cidade das luzes”
- d) “a cidade francesa”

4- A França faz fronteira com...

- a) China
- b) Portugal
- c) Espanha
- d) Grécia

5- A França é conhecida a nível gastronómico...

- a) pela sua fruta
- b) pelos seus queijos e vinhos
- c) pelos seus perfumes
- d) pelos seus carros



6- Quais as cores da bandeira Francesa?

- a) Vermelho e Amarelo
- b) Azul, Branco e Vermelho
- c) Preto, amarelo e vermelho



d) Verde, Amarelo e Azul

7- Na banda desenhada quem é o companheiro de Astérix?

- a) Obélix
- b) Aladino
- c) Ideiafix
- d) Automatix



8- Qual o desporto de Zinedine Zidane?

- a) Ténis
- b) Andebol
- c) Futebol
- d) Natação



9- Observa a imagem e indentifica-a.

- a) Castelo de S. Jorge
- b) Cristo Rei
- c) Arco do triunfo
- d) Torre Eiffel



10- Que animal é o símbolo da França?

- a) Caracol
- b) Cavalo
- c) Galinha
- d) Galo

11- Que moeda é utilizada em França?

- a) Escudo
- b) Franco
- c) Euro
- d) Yuan



12- Os Pirinéus são:

- a) uma cordilheira montanhosa
- b) uma lagoa
- c) um rio
- d) um actor



Boa Sorte!☺
Bonne Chance!☺

Respostas:

- 1- d – Paris capital de França desde 486
- 2- c – Construída pelo Engenheiro francês Gustave Eiffel
- 3- c
- 4- c
- 5- b
- 6- b – O branco é a cor dos reis. O vermelho e o azul são as cores da cidade de Paris.
- 7- a
- 8- c
- 9- c
- 10- d – Galo gaulês é o emblema da república francesa
- 11- c
- 12- a

Anexo 2



<p>Escola Secundária Fernão Mendes Pinto Planificação – Português 12º ano; Turma: 3 Ano lectivo: 2009/2010 Data: 19,22,24,26 de Fevereiro e 1, 3, 5,8,10 de Março Orientadora: Prof. Maria Manuel Martins Mestranda: Cristina Raminhos</p>

Competências comunicativas/Estratégia/ Formação para a cidadania							
Objectivos	Conteúdos e competências nucleares				Estratégias/Actividades	Nº aulas	Avaliação
	Leitura	Compreensão e Expressão Oral	Expressão Escrita	Funcionamento da língua			
<p>-Reconhecer características da poesia Pessoaana e Camoniana.</p> <p>-Antecipar conteúdos a partir de indícios vários.</p> <p>-Utilizar diferentes estratégias de escuta e de leitura.</p> <p>-Determinar a intencionalidade comunicativa.</p> <p>-Apreender os sentidos implícitos e explícitos dos</p>	<p>Textos épicos e épico-líricos: Camões e Pessoa: <u>Os Lusíadas</u> e <u>Mensagem</u>.</p> <p><u>Os Lusíadas</u>: Reflexões do poeta: Críticas e conselhos aos Portugueses. O herói épico.</p> <p><u>Mensagem</u>: Estrutura e valores simbólicos; o sebastianismo e o mito do Quinto</p>	<p>Escuta global e pormenorizada</p> <p>Síntese de ideias do texto.</p> <p>Visionamento de um filme</p>	<p>Realização de fichas de trabalho sobre os diversos poemas em estudo.</p> <p>Síntese A pares sintetizar o conteúdo das estâncias (96, 97 e 98) do canto III d'Os Lusíadas.</p> <p>Produção escrita Individualmente</p>	<p>Recursos Expressivos</p> <p>Progressão, Coesão, coerência.</p>	<p>Leitura analítica dos poemas de <u>Mensagem</u> e de excertos d'<u>Os Lusíadas</u>; Cantos: I,III,V,X</p> <p>Visualização de um excerto do filme “Quem és tu?” de João Botelho.</p> <p>Intertextualidade; Leitura analítica do canto I “Dedicatória” d'<u>Os Lusíadas</u> e intertextualidade com o canto X.</p> <p>Comparação entre D. Sebastião de Pessoa e D. Sebastião de Camões.</p> <p>Leitura analítica do poema “D. Fernando” de <u>Mensagem</u>.</p>	<p>15 aulas</p>	<p><u>Modalidade formativa</u>: Participação; Assiduidade; Pontualidade; Interesse; Comportamento; Vocabulário; Realização do t.p.c</p> <p><u>Modalidade Sumativa</u>: Teste de Avaliação</p> <p>Instrumentos de Registo:</p>

<p>textos.</p> <p>-Reflectir sobre o funcionamento da língua. -Reconhecer a dimensão estética e simbólica da língua.</p> <p>- Contactar com autores do Património Cultural Português.</p>	<p>Império; relação intertextual com os Lusíadas. O herói mítico.</p> <p>Leitura dos poemas: 1ª parte <u>Mensagem</u> - “O dos Castelos” - “D. Dinis” - “D. Sebastião” - “D. Fernando”</p> <p>2ª parte <u>Mensagem</u> - “O Infante” - “O Mostrengo” - “Mar Português”</p> <p>3ª parte <u>Mensagem</u> - “O Quinto Império” - “O Encoberto”</p> <p>Leitura de textos</p> <p>“O Sebastianismo: mito messiânico” António Machado Pires</p> <p>“Sobre o mito do Quinto Império” de Fernando Pessoa, in <i>Portugal, Sebastianismo e Quinto Império.</i></p>	<p>Debate: (organização) - objectivos -selecção do tema -previsão de recursos logísticos e humanos - estabelecimento de contactos com intervenientes -informação ao público através de vários suportes.</p> <p>(participação) Identificação de: -estrutura -fórmulas de abertura, de encadeamento e fecho -funções (moderador, secretários, participantes e observadores) - Regulação do uso da palavra -normas</p>	<p>os alunos realizam por escrito uma comparação entre D. Dinis de Camões e D. Dinis de Pessoa.</p> <p>Quadro – síntese</p> <p>Produção escrita</p> <p>Texto de opinião</p>		<p>Leitura em voz alta do poema “ O Infante” por parte da professora (alunos fecham os manuais)</p> <p>Captção do sentido global do poema supracitado.</p> <p>Leitura do poema por parte de um aluno.</p> <p>Confirmação do assunto do poema.</p> <p>Individualmente os alunos realizam uma ficha de trabalho sobre o poema “ O Infante” que será entregue ao professor.</p> <p>Análise do poema em questão em conjunto com os alunos.</p> <p>Audição dos poemas “ Mar português” e “O Mostrengo” no rádio e depois tentam captar o sentido global do poema sem recorrer à visualização do poema. Intertextualização com <u>Os Lusíadas</u></p>	<p>Grelhas de avaliação (oral, escrita, observação directa)</p> <p><u>Recursos:</u></p> <p>Manual <i>Interacções 12º ano;</i> Manual – “<i>Ensino Profissional nível 3 – Textos épicos e textos épico-líricos módulo 10</i>” - Quadro; - Acetatos; - Retroprojector; - Canetas; - Fichas de trabalho; - Gravador; - Televisor; - Leitor de D.V.D; - Portátil; - Colunas de som;</p>
---	---	---	--	--	---	--

		<p>reguladoras -expressão e defesa de opiniões (argumentos e contra- argumentos) -códigos utilizados (linguístico, paralinguístico, quinésico e proxémico)</p> <p>Audição do poema “Mostrengo” e “Mar português”</p> <p>Ficha de compreensão oral</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

Anexo 3



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
Plano de aula - Português 12º ano; Turma: 3
Ano lectivo: 2009/2010

Orientadora: Prof. Maria Manuel Martins
Mestranda: Cristina Raminhos

<p>Competências: De comunicação: Componente linguística, discursiva/textual, sociolinguística, estratégica;</p> <p>Estratégica: Estratégias de leitura/escuta/escrita adequadas ao tipo de texto e à finalidade. Avaliação da oralidade e da escrita.</p> <p>Formação para a cidadania: apresentação e defesa de opiniões reconhecimento do processo dialéctico na transmissão dos valores da herança cultural; aquisição de um saber integrado e desenvolvimento do espírito de iniciativa e de hábitos de organização e autonomia.</p> <p>Competências Nucleares: Leitura.</p>	<p>Data: 19-02-2010 Turma: 3 Ano: 12º</p>
<p>Conteúdos:</p> <p>Tipos de texto: Textos épicos e lírico-épicos, textos de reflexão</p> <p>Leitura:</p> <p>-Pré-leitura: Activação de conhecimentos sobre o tópico e o género/tipo de texto e antecipação de sentidos a partir de indícios vários;</p> <p>- Leitura Global: leitura exploratória do texto para determinar o seu interesse e captar o sentido global.</p> <p>-Leitura Selectiva: Pesquisa de informação precisa.</p>	<p>Sumário: Correção do T.P.C. Introdução ao estudo de Mensagem.</p>
<p>Avaliação: Observação directa Correção do T.P.C e correção da ficha de trabalho.</p>	<p>Tempo</p>

<u>Descrição das Actividades:</u>	
- Breve introdução sobre a matéria abordada na aula anterior. Verificação/Correcção do T.P.C.	10 minutos
- Leitura global /selectiva do poema: “O dos Castelos” e leitura global/selectiva do canto III Os Lusíadas e relação intertextual com Os Lusíadas.	10 minutos
- Realização de uma ficha de trabalho referente aos poemas anteriormente lidos.	10 minutos
- Correcção da ficha de trabalho	5 minutos
- Conclusão da aula – (síntese da aula)	



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
 Plano de aula - Português 12º ano; Turma: 3
 Ano lectivo: 2009/2010

Orientadora: Prof. Maria Manuel Martins
 Mestranda: Cristina Raminhos

<p>Competências: De comunicação: Componente linguística, discursiva/textual, sociolinguística, estratégica;</p> <p>Estratégica: Estratégias de leitura/escrita adequadas ao tipo de texto e à finalidade. Avaliação da oralidade e da escrita. Utilização das TIC.</p> <p>Formação para a cidadania: apresentação e defesa de opiniões reconhecimento do processo dialéctico na transmissão dos valores da herança cultural; aquisição de um saber integrado e desenvolvimento do espírito de iniciativa e de hábitos de organização e autonomia.</p> <p>Competências Nucleares: Leitura e Escrita</p>	<p>Data: 22-02-2010 Turma: 3 Ano: 12º</p>
<p>Conteúdos:</p> <p>Tipos de texto: Textos épicos e lírico-épicos. Leitura:</p> <p>-Pré-leitura: Activação de conhecimentos sobre o tópico e o género/tipo de texto e antecipação de sentidos a partir de indícios vários;</p> <p>- Leitura Global: leitura exploratória do texto para determinar o seu interesse e captar o sentido global.</p>	<p>Sumário: Leitura do poema “D.Dinis” de Mensagem. Intertextualidade com <u>Os Lusíadas</u>.</p>
<p>Avaliação: Observação directa</p>	<p>Tempo</p>
<p>Descrição das Actividades:</p>	

Escrita do sumário e verificação da presença dos alunos.	5 minutos
- Breve introdução sobre a matéria abordada na aula anterior.	3 minutos
- Verificação do trabalho de casa.	5 minutos
- Apresentação de Acetatos sobre D. Dinis.	10 minutos
-Leitura global do poema “D.Dinis” e leitura global do canto III (est.96-98) de <u>Os Lusíadas</u> .	10 minutos
-A pares sintetizar o conteúdo das estâncias (96, 97 e 98).	5 minutos
-Leitura da síntese realizada pelos alunos.	10 minutos
-Comparar D. Dinis de Pessoa com D. Dinis de Camões tendo em conta os acetatos observados e explicação no início da aula.	5 minutos
- Leitura dos trabalhos individuais.	20 minutos
- Realização de um pequeno questionário sobre o poema “D. Dinis” e sobre o canto III (est.96-98) da pág.196.	5 minutos
- Correção do questionário.	2 minutos
- Conclusão da aula – (síntese da aula)	



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
 Plano de aula - Português 12º ano; Turma: 3
 Ano lectivo: 2009/2010

Orientadora: Prof. Maria Manuel Martins
 Mestranda: Cristina Raminhos

<p>Competências: De comunicação: Componente linguística, discursiva/textual, sociolinguística, estratégica;</p> <p>Estratégica: Estratégias de leitura/escrita adequadas ao tipo de texto e à finalidade. Avaliação da oralidade e da escrita. Utilização das TIC.</p> <p>Formação para a cidadania: apresentação e defesa de opiniões reconhecimento do processo dialéctico na transmissão dos valores da herança cultural; aquisição de um saber integrado e desenvolvimento do espírito de iniciativa e de hábitos de organização e autonomia.</p> <p>Competências Nucleares: Leitura e Escrita.</p>	<p>Data: 24-02-2010 Turma: 3 Ano: 12º</p>
<p>Conteúdos:</p> <p>Tipos de texto: Textos épicos e lírico-épicos, textos de reflexão</p> <p>Leitura:</p> <p>-Pré-leitura: Activação de conhecimentos sobre o tópico e o género/tipo de texto e antecipação de sentidos a partir de indícios vários;</p> <p>- Leitura Global: leitura exploratória do texto para determinar o seu interesse e captar o sentido global.</p> <p>- Leitura Selectiva : Pesquisa de informação precisa</p> <p>Compreensão Oral: -Escuta/visionamento: Construção dos sentidos do texto.</p>	<p>Sumário: Visualização de um excerto do filme “Quem és tu?” de João de Botelho. Leitura do poema “D. Sebastião” de Mensagem e intertextualização com Os Lusíadas.</p>

<p>Expressão Escrita: Realização da ficha de trabalho</p>	
<p>Avaliação: Observação directa Verificação do T.P.C. Recursos: Ficha de trabalho; Manual “Interacções”; DVD -“Quem és tu?” de João de Botelho e TV e leitor de dvd.</p>	<p>Tempo</p>
<p><u>Descrição das Actividades:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Introdução: Verificação e correcção do T.P.C. da pág. 196 do manual “Interacções”. 10 minutos - Visualização de um excerto do filme “Quem és tu?” de João de Botelho. 25 minutos -Diálogo com os alunos sobre o excerto do filme: “Como é que D. Sebastião se retrata?” 5 minutos - Porque é ele considerado “Cristo Português?” 5 minutos -Leitura global do poema “D.Sebastião”. 3 minutos - Oralmente os alunos comparam os dois retratos de D. Sebastião. 20 minutos - Realização de uma ficha de trabalho sobre o poema “D. Sebastião”. 10 minutos - Correcção da ficha de trabalho; 5 minutos -Leitura global do canto I “Dedicatória” de <u>Os Lusíadas</u>. (Intertextualidade) 3 minutos - Leitura silenciosa do texto “O sebastianismo: mito messiânico”p190. 2 minutos -Recolha das palavras-chave do texto. 2 minutos - Conclusão da aula – (síntese da aula) 	



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
 Plano de aula - Português 12º ano; Turma: 3
 Ano lectivo: 2009/2010

Orientadora: Prof. Maria Manuel Martins
 Mestranda: Cristina Raminhos

<p>Competências: Competências Nucleares: Leitura, Oralidade e Escrita.</p>	<p>Data: 26-02-2010 Turma: 3 Ano: 12º</p>
<p>Conteúdos: <i>Mensagem</i></p> <p>Tipos de texto: Textos épicos e lírico-épicos, Leitura: -Leitura analítica: análise pormenorizada do texto. Compreensão Oral: Relação entre os interlocutores. Expressão Escrita: Realização de uma ficha de trabalho.</p>	<p>Sumário: Leitura e análise do poema “ D. Fernando”. Introdução à segunda parte de <i>Mensagem</i> com a leitura do poema “ O Infante”.</p>
<p>Avaliação: Observação directa Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ficha de trabalho “O Infante”; • Manual “Interacções” de 12º ano; • Quadro e Giz/Caneta, 	<p>Tempo</p>
<p><u>Descrição das Actividades:</u></p> <p>Introdução: Verificação da presença dos alunos e escrita do sumário. Recolha do trabalho de casa.</p> <p>Leitura analítica do poema “D. Fernando” de <i>Mensagem</i>.</p> <p>Os alunos sintetizam oralmente o conteúdo da primeira parte de <i>Mensagem</i>.</p> <p>Introdução à 2ª parte de <i>Mensagem</i> – “Mar Português” - Tendo em conta o título “Mar Português” de que fala esta segunda parte de <i>Mensagem</i>?</p>	<p>15 minutos</p> <p>20 minutos</p> <p>3 minutos</p> <p>2 minutos</p>

Leitura oral do poema “O Infante” por parte da professora (alunos fecham os manuais)Elaboração de um quadro síntese com características de D. Sebastião de Camões e de D. Sebastião de Pessoa.	2 minutos
Breve conclusão (síntese da aula)	

Data de entrega: 26/02/2010



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
 Plano de aula - Português 12º ano; Turma: 3
 Ano lectivo: 2009/2010

Orientadora: Prof. Maria Manuel Martins
 Mestranda: Cristina Raminhos

<p>Competências: Competências Nucleares: Leitura, Oralidade e Escrita.</p>	<p>Data: 01-03-2010 Turma: 3 Ano: 12º</p>
<p>Conteúdos: <i>Mensagem</i></p> <p>Tipos de texto: Textos épicos e lírico-épicos, Leitura: -Leitura analítica: análise pormenorizada do texto. Compreensão Oral: Relação entre os interlocutores. Expressão Escrita: Realização de uma ficha de trabalho.</p>	<p>Sumário: Leitura e análise do poema “ D. Fernando”. Introdução à segunda parte de <i>Mensagem</i> com a leitura do poema “ O Infante”.</p>
<p>Avaliação: Observação directa Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ficha de trabalho “O Infante”; • Manual “Interacções” de 12º ano; • Quadro e Giz/Caneta, 	<p>Tempo</p>
<p><u>Descrição das Actividades:</u></p> <p>Introdução: Verificação da presença dos alunos e escrita do sumário. Recolha do trabalho de casa.</p> <p>Leitura analítica do poema “D. Fernando” de <i>Mensagem</i>.</p> <p>Os alunos sintetizam oralmente o conteúdo da primeira parte de <i>Mensagem</i>.</p> <p>Introdução à 2ª parte de <i>Mensagem</i> – “Mar Português” - Tendo em conta o título “Mar Português” de que fala esta segunda parte de <i>Mensagem</i>?</p>	<p>15 minutos</p> <p>20 minutos</p> <p>3 minutos</p> <p>2 minutos</p>

Leitura oral do poema “O Infante” por parte da professora (alunos fecham os manuais)	1 minuto
Captação do sentido global do poema supracitado.	2 minutos
Leitura do poema por parte de um aluno.	1 minuto
Confirmação do assunto do poema.	2 minutos
Individualmente os alunos realizam uma ficha de trabalho sobre o poema “ O Infante” que será entregue ao professor.	25 minutos
Análise do poema em questão em conjunto com os alunos.	15 minutos
Conclusão (Síntese da aula)	2 minutos

Data de entrega: 01/03/10



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
 Plano de aula - Português 12º ano; Turma: 3
 Ano lectivo: 2009/2010

Orientadora: Prof. Maria Manuel Martins
 Mestranda: Cristina Raminhos

<p>Competências: Competências Nucleares: Leitura, Oralidade e Escrita.</p>	<p>Data: 03-03-2010 Turma: 3 Ano: 12º</p>
<p>Conteúdos: <i>Mensagem</i></p> <p>Tipos de texto: Textos épicos e lírico-épicos, Leitura: -Leitura analítica: análise pormenorizada do texto. Compreensão Oral: Relação entre os interlocutores. Audição do poema. Expressão Escrita: Realização de uma ficha de trabalho.</p>	<p>Sumário: Audição do poema “O Mostrengo” de <i>Mensagem</i>, intertextualidade com os <i>Lusíadas</i>. Ficha de trabalho.</p>
<p>Avaliação: Observação directa, ficha de trabalho. Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • CD / Rádio • Ficha de trabalho “O Mostrengo”; • Manual “Interacções” de 12º ano; • Quadro e Giz/Caneta, 	<p>Tempo</p>
<p><u>Descrição das Actividades:</u></p> <p>Introdução: Verificação da presença dos alunos e escrita do sumário. Recolha do trabalho de casa.</p> <p>1ª Audição do poema “O Mostrengo” de <i>Mensagem</i>. (manuais fechados)</p> <p>Captação do sentido global do poema.</p> <p>2ª Audição do poema “O Mostrengo” de <i>Mensagem</i>. (contacto com o texto escrito)</p> <p>Breve análise do poema “O Mostrengo”</p>	<p>15 minutos</p> <p>1.17 minuto</p> <p>3 minutos</p> <p>1.17 minuto</p> <p>10 minutos</p>

de <i>Mensagem</i> .	
Leitura analítica do episódio do <i>Adamastor d'Os Lusíadas</i> .	15 minutos
A pares os alunos realizam uma ficha de trabalho.	30 minutos
Correcção da ficha de trabalho	10 minutos
Conclusão (Síntese da aula)	2 minutos

Data de entrega: 03/03/10



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
 Plano de aula - Português 12º ano; Turma: 3
 Ano lectivo: 2009/2010

Orientadora: Prof. Maria Manuel Martins
 Mestranda: Cristina Raminhos

<p>Competências: Competências Nucleares: Leitura, Oralidade.</p>	<p>Data: 05-03-2010 Turma: 3 Ano: 12º</p>
<p>Conteúdos: <i>Mensagem: 2ª Parte - “Mar Português”</i></p> <p>Tipos de texto: Textos épicos e lírico-épicos, Leitura: Leitura analítica: análise pormenorizada do texto. Compreensão Oral: Relação entre os interlocutores.</p>	<p>Sumário: Leitura e Análise do poema “Mar Português”. Conclusão da 2ª parte de <i>Mensagem</i>.</p>
<p>Avaliação: Observação directa, ficha de trabalho. Recursos: T.P.C – ficha de trabalho “O Mostrengo”</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manual “Interacções” de 12º ano; • Quadro e Giz/Caneta, 	<p>Tempo</p>
<p><u>Descrição das Actividades:</u></p> <p>Introdução: Verificação da presença dos alunos e escrita do sumário.</p> <p>Verificação do t.p.c</p> <p>Leitura da correcção do t.p.c Leitura analítica (oral) do poema “Mar Português” de <i>Mensagem</i>.</p> <p>Intertextualidade com <i>Os Lusíadas</i>.</p> <p>Marcação do trabalho de casa, escrita no quadro</p> <p>Conclusão (Síntese da aula)</p>	<p>10 minutos</p> <p>6 minutos</p> <p>6 minutos</p> <p>11 minutos</p> <p>5 minutos</p> <p>5 minutos</p> <p>2 minutos</p>

Data de entrega: 05/03/10



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
 Plano de aula - Português 12º ano; Turma: 3
 Ano lectivo: 2009/2010

Orientadora: Prof. Maria Manuel Martins
 Mestranda: Cristina Raminhos

<p>Competências: Competências Nucleares: Leitura, Oralidade e Escrita</p>	<p>Data: 08-03-2010 Turma: 3 Ano: 12º</p>
<p>Conteúdos: <i>Mensagem: 3ª Parte</i> – “O Quinto Império” e “Nevoeiro”</p> <p>Tipos de texto: Textos épicos e lírico-épicos, Leitura: -Leitura analítica: análise pormenorizada do texto. Compreensão Oral: Relação entre os interlocutores.</p>	<p>Sumário: Teste de Compreensão Oral. Leitura e análise dos poemas “ O Quinto Império” e “ Nevoeiro” da 3ª parte de <i>Mensagem</i>.</p>
<p>Avaliação: Observação directa, teste de compreensão oral. Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Computador Portátil • Manual “Interacções”de 12º ano; • Quadro e Giz/Caneta, 	<p>Tempo</p>
<p><u>Descrição das Actividades:</u></p> <p>Introdução: Verificação da presença dos alunos e escrita do sumário.</p> <p>Verificação do t.p.c – “Mar Português”</p> <p>Teste de Compreensão Oral: (3 vezes) Audição da música «À sombra da Tamareira» do álbum <i>Alto da Pimenta</i> de Rui Veloso.</p> <p>Leitura analítica (oral) do poema “Quinto Império” de <i>Mensagem.p.182</i></p> <p>Individualmente os alunos respondem a questões relativas ao poema supracitado.</p> <p>1. <i>Divide o poema em partes,</i></p>	<p>10 minutos</p> <p>6 minutos</p> <p>15 minutos</p> <p>10 minutos</p> <p>20 minutos</p>

<p><i>sintetizando o conteúdo de cada uma.</i></p> <p>2. <i>Explica o sentido da 2ª estrofe.</i></p> <p>3. <i>Interpreta o verso 13.</i></p> <p>4. <i>Interpreta os dois últimos versos.</i></p>	
Correcção oral/ escrita do exercício.	10 minutos
Leitura silenciosa do poema “O Nevoeiro” p.185	2 minutos
Análise oral do poema “O Nevoeiro”	7 minutos
<p>Conclusão (Síntese da aula)</p> <p>-Conversa com os alunos sobre o debate a realizar na quarta-feira; p.235</p> <p>- Escolha de um moderador e de um secretário.</p>	10 minutos

Data de entrega: 08/03/10



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
 Plano de aula - Português 12º ano; Turma: 3
 Ano lectivo: 2009/2010

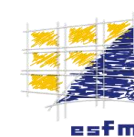
Orientadora: Prof. Maria Manuel Martins
 Mestranda: Cristina Raminhos

Competências: Competências Nucleares: Oralidade.	Data: 10-03-2010 Turma: 3 Ano: 12º
Conteúdos: <i>Mensagem: 2ª Parte - “Mar Português”</i> Tipos de texto: Textos épicos e lírico-épicos, Leitura: Compreensão Oral: Relação entre os interlocutores.	Sumário: Debate relativo ao estudo das obras <i>Mensagem</i> e <u>Os Lusíadas</u> .
Avaliação: Observação directa; grelha de avaliação do debate. Recursos: Quadro e Giz/Caneta,	Tempo
<u>Descrição das Actividades:</u> Introdução: Verificação da presença dos alunos e escrita do sumário. 10 minutos Preparação do material – Portátil e Colunas; 5 minutos Visualização de um excerto de uma entrevista ao Professor Agostinho da Silva “Ser Português” 9 minutos Abertura do Debate por parte da aluna Anabela (moderadora); 54 minutos Debate entre os alunos sobre as obras estudadas <u>Mensagem</u> e <u>Os Lusíadas</u> . Conclusão - A aluna Maria (secretária) conclui o debate realizando um resumo das opiniões emitidas pelos participantes no debate e relata oralmente as conclusões a que foi possível chegar. 10 minutos - Conclusão da aula (síntese) 2 minutos Entrega de documentos	

Data de entrega: 10/03/10

Anexo 4

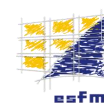
Escola Secundária Fernão Mendes Pinto – Português 12º ano_Grelha 1
Ano lectivo 2009/2010



esfmp

Orientadora de
Estágio: Prof. Maria
Manuel Martins.
Mestranda: Cristina
Raminhos.

Parâmetros	Observação directa			
	a) Assiduidade	b) Pontualidade	c) Participação	d) Comportamento
Alunos	-Muito bom	-Muito bom	-Muito bom	-Muito bom
	-Bom	-Bom	-Bom	-Bom
	-Suficiente	-Suficiente	-Suficiente	-Suficiente
Nome	-Insuficiente	-Insuficiente	-Insuficiente	-Insuficiente
Ana Sousa	Muito bom	Bom	Bom	Muito Bom
Anabela Martins	Muito bom	Muito bom	Muito bom	Muito Bom
André Santos	Muito bom	Suficiente	Muito bom	Muito Bom
Inês Rito	Muito bom	Muito bom	Suficiente	Bom
Inês Varela	Muito bom	Bom	Bom	Muito Bom
Inês Fernandes	-	-	-	-
Joana Rodrigues	Muito bom	Bom	Bom	Muito Bom
João Canelas	Muito bom	Suficiente	Insuficiente	Suficiente
Mafalda Pereira	Muito bom	Muito bom	Muito bom	Muito Bom
Marco Lima	Muito bom	Bom	Insuficiente	Suficiente
Maria Lopes	Muito bom	Muito bom	Muito Bom	Muito Bom
Marta Lidon	Muito bom	Muito bom	Bom	Muito Bom
Paola Pregliasco	Muito bom	Muito bom	Insuficiente	Muito Bom
Sebastião Coelho	Muito bom	Bom	Insuficiente	Suficiente
Tiago Correia	Muito bom	Suficiente	Suficiente	Suficiente



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto – Português 12º ano_ Teste de Compreensão Oral
Ano lectivo 2009/2010

Orientadora de Estágio: Prof. Maria Manuel Martins.
 Mestranda: Cristina Raminhos.

Parâmetros Alunos	Teste de Compreensão Oral			
	Insuficiente (-5)	Suficiente (5)	Bom (6)	Muito Bom (+6)
Nome				
Ana Sousa		5		
Anabela Martins				7
André Santos		5		
Inês Rito		5 (-)		
Inês Varela		5		
Inês Fernandes				
Joana Rodrigues			6	
João Canelas				8
Mafalda Pereira				7
Marco Lima	3			
Maria Lopes				8
Marta Lidon				7
Paola Pregliasco		5		
Sebastião Coelho		5 (-)		
Tiago Correia			6	
Alunas assistentes: Débora M.	4			
Rita Lourenço	4			

Anexo 5



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
Plano de aula - Português 12º ano; Turma: 3
Ano lectivo: 2009/2010

Orientadora: Prof. Maria Manuel Martins
Mestranda: Cristina Raminhos

Tendo em conta a informação sobre o debate presente na pág.235 do teu manual, prepara-te para um debate a realizar na próxima aula de acordo com as seguintes linhas orientadoras.

- “D. Sebastião é Portugal”;
- Quinto Império /esperança;
- Essência de Portugal e a sua missão a cumprir;
- Língua Portuguesa: Presente e Futuro

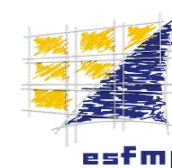
- Leituras:
- Leitura dos textos das páginas 171,175,188,201 do manual *Interacções*;

08-03-2010
Bom Trabalho☺

Cristina Raminhos

Anexo 6

Escola Secundária Fernão Mendes Pinto – Português 12º ano_ Debate
Ano lectivo 2009/2010



Orientadora de Estágio:
Prof. Maria Manuel
Martins.
Mestranda: Cristina
Raminhos.

Parâmetros Alunos	Ideias	Argumentação	Verbalização
	a)Conhecimento global. b)Seleção. c)Articulação. d)Adequação.	e) Pertinência. f) Rigor. g)Fundamentação.	h) Correção. i) Riqueza vocabular. j)Domínio dos princípios da interacção verbal.
Nome			
Ana Sousa	Não compareceu		
Anabela Martins	+	+	+
André Santos	+	+	+
Inês Rito	+	+	+
Inês Varela	Não compareceu		
Inês Fernandes	Não compareceu		
Joana Rodrigues	+	+	+
João Canelas	+	+	+
Mafalda Pereira	+	+	+
Marco Lima	+	+	+
Maria Lopes	+	+	+
Marta Lidon	+	+	+
Paola Pregliasco	Não participou		
Sebastião Coelho	Não compareceu		
Tiago Correia	Não compareceu		

Anexo 7



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
Português 12º ano; Turma: 3
Ano lectivo: 2009/2010
08-03-2010

Teste de Compreensão Oral

Ouve atentamente «À sombra da Tamareira» do álbum *Auto da Pimenta* de Rui Veloso e retira palavras e/ou expressões alusivas ao mito sebastianista.

Bom Trabalho☺
Cristina Raminhos



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto

Ficha de trabalho

Português 12º ano; Turma: 3

Ano lectivo: 2009/2010

19-02-2010

Tendo por base os poemas da pág.192 do manual que acabou de ler, responda às questões.

- 1- Saliente o que há de comum entre o retrato de Portugal feito no excerto de Os Lusíadas e o poema “O dos Castelos”.

“O Ocidente, futuro do passado. / O rosto com que fita é Portugal.”

- 2- Explique os dois últimos versos do poema “O dos Castelos”.

- 3- Assinale as afirmações que são Verdadeiras (V) e as que são falsas (F).

- a) A primeira parte de Mensagem, “Brasão”, corresponde ao nascimento ____
- b) A *Mensagem* é constituída por 44 poemas e encontram-se agrupadas em quatro partes, ou seja, as etapas da evolução do Império Português. ____
- c) Fernando Pessoa procura anunciar um novo império civilizacional. O “intenso sofrimento patriótico” leva-o a antever um império que se encontra para além do material. ____

Bom Trabalho!
Cristina Raminhos



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto

Ficha de trabalho

Português 12º ano; Turma: 3

Ano lectivo: 2009/2010

24-02-2010

Compreender

1. O poema "D. Sebastião" pode dividir-se em duas partes lógicas.
 - 1.1. Delimita-as.
 - 1.2. Sintetiza o conteúdo de cada uma delas.

2. A "loucura" é o traço essencial da autocaracterização que o sujeito poético faz na primeira estrofe.
 - 2.1. Identifica as causas e as consequências da "loucura" referida.
 - 2.2. Explicita o sentido dos versos 4 e 5.

3. Na segunda estrofe, o sujeito poético lança uma espécie de repto aos destinatários do seu discurso.
 - 3.1. Identifica o referido desafio.
 - 3.2. Explica, por palavras tuas, a intenção subjacente à interrogação retórica contida nos três últimos versos do poema.

Adaptado do manual "Ensino Profissional nível 3 – Textos épicos e textos épico-líricos módulo 10"

Bom Trabalho☺
Cristina Raminhos



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto

Ficha de trabalho

Português 12º ano; Turma: 3

Ano lectivo: 2009/2010

01-03-2010

Mensagem de Fernando Pessoa

"O Infante"

1. Quem é este "Infante"?

2. Identifica marcas linguísticas que revelam que o sujeito poético se dirige directamente ao "Infante".

3. "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce" (v.1)

3.1. Prova que esta expressão axiomática se organiza numa relação causa-efeito.

4. "Sagrou-te, e foste desvendando a espuma" (v.4)

4.1 Substitui a palavra "espuma" pela realidade que ela representa.

4.2 Esclarece o significado da forma verbal sublinhada.

5. Explica os dois últimos versos.



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
Português 12º ano; Turma: 3
Ano lectivo: 2009/2010
03-03-2010

Ficha de trabalho

I

Após a leitura do poema "O Mostrengo" de Mensagem responde atentamente às questões que se seguem.

1. Indica a relação que se estabelece entre as duas personagens do poema.
2. Propõe uma divisão em partes e justifica-a.
3. Faz o levantamento de expressões do poema referentes aos seguintes sentidos: Visão e Audição.
4. Faz o levantamento de expressões de movimento.
5. Que estados de espírito assolam o Mostrengo e o que é que este representa? Justifica.
6. O que representa o "homem do leme"?
7. Explica a expressividade da repetição do último verso em todas as estrofes.

II

O poema remete-nos para a intertextualidade com o episódio do Adamastor inserido em Os Lusíadas. Refere os pontos de distanciamento e de contacto:

	"O Mostrengo"	Adamastor
Diferenças		
Afinidades		

--	--

Bom Trabalho©
Cristina Raminhos

Correcção da Ficha de Trabalho "O Mostrengo" de 03-03-2010

- 1- Neste poema gera-se um conflito de forças entre o monstro e o “homem do leme” (marinheiro), que tem por base a conquista do Oceano por este, a qual é dificultada pelo Mostrengo.
- 2- 1ª parte – É constituída pelas duas primeiras estrofes que correspondem à apresentação do Mostrengo;
2ª parte - É constituída pela terceira estrofe onde se destaca a coragem, determinação e vitória do marinheiro.

3-

Visão	Audição
“noite de breu” v.2 “cavernas” v.6 “tectos negros” v.7 “quilhas que vejo” v.11 “mar sem fundo” v.16 “trevas do fim do mundo” v.16	“três vezes a chiar” v.4 “disse” v. 8,12,17,21 “quilhas que (...)ouço” v.11

4- Expressões de Movimento por parte do Mostrengo: “ ergueu-se a voar” v.2; “À roda da nau voou três vezes” v.3; “Voou três vezes a chiar” v.4; “velas onde me roço” v.10; “rodou três vezes”v.12; “escorro os medos” v.16;”roda nas trevas do fim do mundo” v.25.

Expressões de Movimento por parte do Homem do leme: “ousou entrar” v.5; “tremeu” v.17; “três vezes do leme as mãos ergueu” v.19; “três vezes ao leme as apreendeu” v.20; “tremar três vezes” v.21; “me ata ao leme” v.26”.

5- O Mostrengo sente que aquele lugar lhe pertence e que estão a invadir os seus domínios “Nas minhas cavernas...”v.6, daí a sua agressividade, sente-se superior e considera que o “homem do leme” é ousado e está a ultrapassar os limites permitidos, desafiando forças superiores. O Mostrengo simboliza o mar, a sua faceta desconhecida, oculta, o perigo e o medo com que os portugueses se deparam.

6- “O homem do leme” é a extensão visível de uma vontade que o rei (D. João II) possui, ou seja, de todo o povo português: a de conquistar o mar.

7- O rei D. João II foi o grande impulsionador das Descobertas. O último verso de cada estrofe por ser (quase) igual, funciona como refrão, destacando o poder do rei e a ligação do marinheiro à vontade daquele. A repetição aqui verificada pretende sugerir a vontade do rei e a obediência que o seu povo lhe votava e pretende igualmente reforçar a persistência do homem em não desistir dos seus objectivos, face a obstáculos que se lhe deparam.

Cristina Raminhos
05.03.10

1-Justifica o facto de Mensagem ser considerada uma obra “Mítica e Mística”.

A obra, a *Mensagem* de Fernando Pessoa é virada para o "oculto" e para o místico, sobre a história de Portugal, a memória colectiva e a crença de um novo império civilizacional.

A *Mensagem* é mítica e é simbólica. Os 44 poemas encontram-se agrupados em três partes, ou seja, as etapas da evolução do Império Português - nascimento, realização e morte. Fernando Pessoa procura aí anunciar um novo império civilizacional. O "intenso sofrimento patriótico" leva-o a antever um império que se encontra para além do material.

Mensagem, apesar de conter poesias breves, compostas em momentos diversos, garante uma unidade histórica e lógica, sequencial e coerente. A sua estrutura tripartida permite contar e reflectir sobre a vida e o percurso de Portugal ao longo dos séculos.

Há em *Mensagem* uma transfiguração dos personagens históricos em míticos que assim acedem a outro plano da realidade. Foi o ser eterno que Pessoa tentou fixar na sua poesia e foi uma certa e peculiar história de Portugal, aquela que ficou expressa na *Mensagem*, como uma criação mítico-poética.

A *Mensagem* poderá ser vista como uma epopeia porque parte dum núcleo histórico, mas a sua formulação sendo simbólica e mítica, do relato histórico, não possuirá a continuidade. Aqui, a acção dos heróis, só adquire pleno significado dentro de uma referência mitológica.

Em suma, a estrutura de *Mensagem*, sendo a de um mito numa teoria cíclica, a das Idades, transfigura e repete a história dum país como o mito de um nascimento, vida e morte que será seguida dum renascimento

- *Mensagem* recorre ao ocultismo para criar o herói, o Encoberto, que se apresenta como D. Sebastião.
- O ocultismo remete para um sentimento de mistério, indecifrável para a maioria dos mortais. Daí que só o detentor do privilégio esotérico (oculto/secreto) se encontra legitimado para realizar o sonho do Quinto Império.
- Para Fernando Pessoa, só alguns aparecem predestinados a decifrar o sentido das sombras do mundo sensível.
- Portugal só se cumprirá por força e vontade criadora do mundo inteligível, onde está a ideia como verdadeira realidade perpétua e essencial.



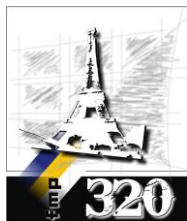
Anexo 8

**Escola Secundária Fernão Mendes Pinto – Português 12º ano_ Grelha de Verificação de T.P.C
Ano lectivo 2009/2010**

Parâmetros Alunos Nome	Realização de trabalhos de Casa				
	“Mensagem obra mítica e mística” 19.03.10	Questões sobre poema “D.Dinis”p.196 24.02.10	Ficha sobre poema “D.Sebastião” 26.02.10	Quadro síntese sobre “D.Sebastião” de Camões e de Pessoa. 01.03.10	Questões sobre “Mostrengo” 05.03.10
Ana Sousa	☺	☺	☺	☺	☺
Anabela Martins	☺	☺	☺	☺	☺
André Santos	☺	☺	☺	☺	☺
Inês Rito	☺	☺	☺	☺	☺
Inês Varela	☺	☺	☺	☹	☺
Inês Fernandes	☹	☹	☹	☹	☹
Joana Rodrigues	☺	☺	☺	☺	☺
João Canelas	☹	☺	☺	☹	☺
Mafalda Pereira	☺	☺	☺	☺	☺
Marco Lima	☹	☹	☺	☹	☺
Maria Lopes	☺	☺	☺	☺	☺
Marta Lidon	☺	☺	☺	☺	☺
Paola Pregliasco	☺	☺	☺	☹	☺
Sebastião Coelho	☹	☹	☹	☹	☹
Tiago Correia	☺	☺	☺	☺	☺
Jorge Tuna				☺	

Orientadora de Estágio: Prof.^a
Maria Manuel Martins.
Mestranda: Cristina Raminhos.

Anexo 9



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto

Exercices de Français – 7^o ano

2009/2010



1- Chasse l'intrus (verticalement)



Portugais	Dire	Stressant
Français	Dormir	Intéressant
Musique	Étudier	Amusant
Mathématiques	Apprendre	Motivant
Terre	Travailler	Captivant

L'emploi du temps. (Horário)

2-Observe l'emploi du temps de Camille.



Heures	Lundi	Mardi	Mercredi	Jeudi	Vendredi
8h00 9h00	Anglais		Mathématiques		Eps
9h00 10h00	Histoire Géographie	Français	Mathématiques	Allemand	Eps
10h00 11h00	Eps	Histoire Géographie		Anglais	Français
11h00 12h00	Eps	Anglais		Musique	
13h00 13h30					
13h30 14h30	Technologie	Histoire Géographie		Français	Anglais
14h30 15h30	Français	Mathématiques		Français	Mathématiques
15h30 16h30	Allemand	Arts Plastiques		SVT	Vie de Classe

2.1- Relie chaque matière à sa définition :

- | | | |
|--------------------|---|---|
| 1. EPS | ▪ | ▪ Éducation physique et sportive (sport) |
| 2. Arts plastiques | ▪ | ▪ Sciences de la vie et de la terre (biologie) |
| 3. SVT | ▪ | ▪ Moment pour parler des problèmes de la classe |
| 4. Vie de Classe | ▪ | ▪ Dessin, peinture, activités artistiques |



3- Classe dans le tableau :

anglais – allemand – maths – français- EPS – technologie – histoire-géo – musique – arts plastiques – SVT

1 heure par semaine	musique
2 heures par semaine	
3 heures par semaine	
4 heures par semaine	
5 heures par semaine	

4- Observe l'emploi du temps de Camille et complète les phrases suivantes avec les matières et les jours de la semaine. (Observe o horário da Camila e completa as frases que se seguem com as disciplinas e os dias da semana.)



- a) Le Lundi Camille a cours d' _____ à 8h.
- b) Le Vendredi Camille cours de _____ à 10h.
- c) Le _____ elle a cours de Histoire Géo à 10h.
- d) Le _____ Camille a cours de Musique à 12h.
- e) Le Mercredi Camille a cours de _____ de 8h à 10h.

Grammaire

5- Souligne la forme verbale correcte.

- a) Je **suis/ ai** très content.
- b) Elle **a / est** une fille.
- c) Nous **avons / sommes** 12 ans.
- d) T u **es / as** timide.
- e) Il **est / a** un chat.
- f) Ils **sont / ont** un professeur français.
- g) Vous **avez / êtes** un livre d'anglais.
- h) Elles **sont/ont** sympathiques.

Médiation

6- Complète les phrases suivantes et mets les verbes qui sont dans la liste au Présent de l'indicatif.

étudier – travailler – parler – écouter – motiver

- a) Le professeur _____ ses élèves avec la musique française.
- b) Les élèves _____ la chanson de Shakira.
- c) Je _____ avec mes collègues en classe de français.

d) Tu _____ allemand avec Mme Fritz, le professeur d'Allemand.

e) Nous _____ beaucoup de maths pour l'examen.

7-Complète ton emploi du temps a partir des matières qui sont dans le tableau.

Atelier d` Arts	Anglais	Histoire
Formation civique	Morale	Géographie
Education Physique	Projet	Ed. visuelle
Éducation Technologique	Physique et chimie	Étude
Portugais	Sciences	
Français	Maths (Mathématiques)	



Heures	Lundi	Mardi	Mercredi	Jeudi	Vendredi



Fait l'auto-évaluation :

Facile ☺	Difficile ☺ ☺	Très Difficile ☺ ☺ ☺
----------	---------------	----------------------

Anexo 10



Test d'Évaluation Sommative
11e année, niveau 5
Année scolaire 2009/2010

Nom :

Prénom :

I. Compréhension Orale : Écoute le texte lu par ton professeur et choisis la réponse convenable.

1. Le salon des énergies renouvelables se réalise...

a) en plein été

b) à la région de Paris

c) en plein hiver

2. Presque la moitié des visiteurs...

a) habitent en Rhône-Alpes

b) habitent dans une autre région que celle de Lyon

c) habitent à Bruxelles

3) Ce salon se place à la première...

a) parmi les salons sur le même thème

b) parmi les salons sur le thème différent

c) parmi les salons sur quelque thème

4) Le salon de 2007 a battu tous les records...

a) au niveau des expositions

b) au niveau des expositeurs et des visiteurs

c) au niveau de la diversité des présences et du nombre de visiteurs

5) La présence de conférenciers étrangers a permis...

- a) un échange très intéressant de culture
- b) un échange très intéressant d`expériences et témoignages
- c) un échange très intéressant d`informations

II .Compréhension écrite : Lis attentivement le texte ci-dessous.

Gestion et utilisation des ressources

Les activités économiques d'un pays associées au logement, à la nourriture, aux déplacements, à l'information, aux exportations, etc. consomment des ressources naturelles (cultures, gisements, espaces). Une partie de ces ressources est potentiellement renouvelable, comme les cultures agricoles pour l'alimentation humaine et animale, la forêt qui produit le bois pour la construction, pour la fabrication du papier/carton, du mobilier ou pour le chauffage, l'eau pour l'irrigation... Néanmoins, une majorité est non renouvelable : granulats pour la construction et les routes, carburants automobiles, fioul et gaz pour la production de chaleur, plastiques, acier, aluminium...

La manipulation des ressources induit des impacts sur l'environnement, dès leur extraction et tout au long de leur cycle de vie en incluant les transports induits : perturbation des sols, du paysage et de la biodiversité, consommation d'énergie, d'eau et d'autres ressources, rejets polluants dans les milieux et de déchets souvent non valorisables, dont la gestion (stockage, traitement, élimination, valorisation) implique à son tour ses propres impacts. Dans le cas d'importations, ces impacts s'exercent d'abord à l'étranger, dans les pays d'origine d'extraction et de production.

La consommation de ressources constitue une bonne approximation des autres pressions et impacts sur l'environnement. Sa maîtrise, ainsi qu'une gestion plus raisonnable des ressources naturelles est d'importance : amélioration de la productivité des ressources utilisées (combien d'euros sont générés par unité de masse d'une ressource), diminution de la toxicité et de l'écotoxicité des substances et matières consommées, produites et rejetées par l'économie, prévention de la production de déchets. Une voie d'amélioration consisterait également à considérer le déchet comme une nouvelle ressource possible en entrée d'économie, afin de rendre les processus de production davantage "circulaires" (en opposition à linéaires).

Certaines des ressources consommées proviennent principalement du territoire national : eau, cultures, bois, granulats, matières minérales. D'autres sont importées (minerai d'uranium pour la production électrique, pétrole, gaz, métaux et produits dérivés...), souvent sous une forme déjà élaborée, depuis les produits de 1^e transformation jusqu'aux produits finis.

www.ifen.fr

1. Identifie le type de texte

- a) Synopsis
- b) Interview
- c) Texte argumentatif
- d) Texte informatif

2. Identifie dans le texte les informations suivantes :

- a) Thème :
- b) Ressources Naturelles et non renouvelables :
- c) Les impacts de la manipulation des ressources sur l'environnement :
- d) D`où proviennent les ressources consommés :

3. Dis si les affirmations sont vraies (V), fausses (F) ou On ne sait pas (?) :

- a) Les activités économiques d'un pays associées au logement, à la nourriture, aux déplacements, à l'information, aux exportations consomment des ressources naturelles _____
- b) Il n'y a pas des impacts négatifs sur l'environnement _____
- c) La consommation des ressources est importante pour la productivité _____
- d) La plupart des produits consommés provient d'autres pays _____
- e) L'Énergie renouvelable est importante pour l'économie d'un pays _____

III. Médiation

Au conseil régional de la région Rhône-Alpes, les députés discutent un sujet d'actualité. Voici l'opinion de trois députés.

Christian, PS – «L'urgence écologique s'impose à nos yeux: les années 1990 ont constitué la décennie la plus chaude du siècle! Face à ce terrible constat, il faut agir.»

Hervé, UMP – «La France a choisi l'énergie nucléaire. Cependant, le nucléaire n'est pas la seule réponse pour lutter contre le réchauffement climatique. Il appartient en grande partie à chacun de nous d'avoir un comportement responsable dans sa consommation d'énergie.»

Gérard, Les Verts – «Les Verts alertent depuis vingt ans à propos des gaz à effet de serre, des changements climatiques, de la désertification, de l'émigration des populations... Film catastrophe? Si nous n'agissons pas, ce scénario sera le quotidien de demain.»

Magazine *Rhône-Alpes*, printemps 2007

Utilise les interrogatifs : Quand/Qui/Quel (s) ou Quelle (s)

Escola Secundária Fernão Mendes Pinto – Francês 11º ano_ Grelha do Teste de Avaliação
Ano lectivo 2009/2010



Orientadora de Estágio: Prof.^a Alexandra Alves
Mestranda: Cristina Raminhos

Test Élèves	I. Comp. Orale (20) (4v)					II. Comp. Écrite (70)			III. Médiation/Interaction (60)		IV. Production Écrite (50)	Totale
	1	2	3	4	5	1 (10)	2 (20)	3 (40)	1 (30)	2 (30)		
Ana Simões												
Ana Belo												
Carina Machado												
Carlota Cintra												
Daniela Carrilho												
David Alves												
Helena Mendes												
Inês Barroso												
Jacira Dias												
Joana Coito												
José Silva												
Maressa Reis												
Margarida Leite												
Mariana Valente												
Rui Venâncio												
Sílvia Ferreira												

Anexo 11

Thème/Intérêt: La Publicité ; Publicité Mensongère.
Documents : Images publicitaires et textes publicitaires.

Nombre de cours : 10 cours

Activités et tâches intermédiaires	Compétences / Opérationnalisation	Contenus				Supports	Evaluation
		Discursifs / Fonctionnels	Morpho-syntaxiques	Lexicaux	Socio – culturels		
Cours 1 et 2 Mise en commun à propos du thème Observation d'images Analyse d'une publicité Elaboration d'un slogan	-Interaction Professeur/ élève. -Buts de la pub. Comp.Orale et écrite Décrire des images Identifier : - le slogan ; -la marque ; -le produit ; -le public-cible ; -Analyser l'image et identifier le produit et le message (travail en groupe) -Écrire un slogan	- À quoi ça sert ? -Qu'est-ce que c'est la publicité ?		<i>Publicité</i> <i>« attirer l'attention »</i> <i>Public-cible</i> <i>Consommateur</i> <i>Produit</i> <i>Promouvoir</i> <i>Marque</i>		Tableau noir/craie Images publicitaires Image publicitaire «tabac »	Observation directe. a) Assiduité b) Ponctualité c) Intérêt d) Participation e) Comportement F) Vocabulaire

<p>Elaboration d`une conclusion</p> <p>Cours 3, 4 et 5 (6,7 et 8 même chose) Rappel du cours précédent</p> <p>Observation d`images</p> <p>Analyse de la publicité mensongère</p> <p>Lecture d`un texte</p> <p>Réalisation d`une fiche de travail</p> <p>Elaboration d`une pub à partir d`un</p>	<p>Résumer les contenus du cours. -L`efficace de la pub dépende des couleurs, de la sensualité, des images...</p> <p>Interaction Prof – Élève</p> <p>Comp. Orale et écrite Décrire des images. Les Buts de la pub. Identifier : -Le slogan ; -Le public-cible ; La marque ; -Le produit ;</p> <p>-Identifier les mots clés. -Identifier les phrases vraies ou fausses</p> <p>Prod. Ecrite Guidée -Relever dans le texte des mots ou expressions pour compléter des phrases. -Compléter un tableau -Chasser l`intrus.</p> <p>Prod. Ecrite Ecrire un texte de protestation.</p> <p>Ecrire un slogan et parler des avantages du</p>	<p>-Que voyez vous dans l`image ?</p> <p>-Quel est... ?</p> <p>-Achèteriez-vous ce produit ?</p> <p>-Pourquoi elle trompe le public, cette image publicitaire ?</p> <p>Je veux dire que... Je veux protester contre... Je suis contre... Je ne suis pas d`accord...</p>	<p>Paronymes Antonymes Synonymes Mots de la même ethymologie</p>	<p><i>Publicité Mensongère</i></p> <p><i>Séduire</i></p> <p><i>Acheteurs</i></p> <p><i>Consommateur</i></p> <p><i>Tromper</i></p> <p><i>Tromperie</i></p> <p><i>Manipuler</i></p> <p><i>Influencer</i></p> <p><i>Manœuvres frauduleuses</i></p> <p><i>Fausse promises</i></p>	<p>-Le code de la consommation.</p> <p>-publicité mensongère versus pub loyale.</p> <p>-Les droits du consommateur.</p>	<p>-Documents authentiques : images publicitaires.</p> <p>-Fiche de travail</p>	<p>Observation directe.</p> <p>a)Assiduité b) Ponctualité c)Intérêt d) Participation e) Comportement F) Vocabulaire</p>
---	--	---	--	---	---	---	---

Produit	produit						
Conclusion du cours	Médiation						
Elaboration d'une conclusion	-Résumer les contenus du cours dans un paragraphe						
Cours 9 et 10	<u>Interaction</u>	On est parlé de quoi ? Quels sont les différents types de publicité ?		<i>Pub ; pub mensongère ; slogan ; marque ; public-cible ; produit ; Consommateur ;</i>	La publicité francophone	-Documents authentiques : Dvd -Fiche de travail	Observation directe. a) Assiduité b) Ponctualité c) Intérêt d) Participation e) Comportement F) Vocabulaire
Rappel du cours précédent	Identifier le thème dont on a parlé pendant la semaine : Pub ; pub mensongère, slogan, marque, public-cible, produit...						
Visualisation d'un dvd	<u>Comp. Orale et écrite</u> Regarder les images publicitaires. Répondre aux questions.						
Réalisation d'une fiche de travail guidée	<u>Prod. Ecrite Guidée</u> Compléter une traduction.						
Réalisation d'une traduction guidée	<u>Prod. Ecrite</u>						
Réalisation d'une traduction	Faire la traduction d'un texte.						

Conclusion du cours Élaboration d'une conclusion	<u>Médiation</u> Résumer les contenus du cours. -Il y a beaucoup de formes de faire publicité.						
---	---	--	--	--	--	--	--

Anexo 12

Les articles partitifs

Masculin Singulier	Féminin Singulier	Masculin Pluriel	Féminin Pluriel
du	de la	des	des
de l`	de l`		

Note: Nas frases negativas, os artigos partitivos tomam a forma de “de”



1- Choisissez la forme correcte

- a) du/de la viande
- b) de/des céréales
- c) du/de beurre
- d) de la/de l`alcool
- e) des/de fraises

2- Complétez les phrases à l`aide d`un partitif.

- a) Si tu veux maigrir, tu dois faire _____vélo tous les jours.
- b) À table, je bois _____eau minérale.
- c) Tu dois avoir _____ courage pour changer tes mauvaises habitudes.
- d) Il n`a pas _____argent pour acheter un gâteau.
- e) Aujourd`hui, je ne fais pas _____ gymnastique parce que je suis fatigué.

3- Mettez les phrases à la forme négative.

- a) Cet été, il fait de la natation.
- b) Après le dîner, je bois du café.
- c) Les Français mangent beaucoup de fromage.
- d) Ce matin, je prends de la confiture.
- e) Il aime manger des hamburgers.

Bon Travail !
Cristina Raminhos

Nom : _____ Prénom : _____ Classe : _____

Après la lecture du texte



1- Réponds vrai (V) ou faux (F) et indique les lignes qui confirment tes réponses.

- a) L'alimentation de William est équilibrée. Ligne _____
- b) Il aime les plats italiens. Ligne _____
- c) Sébastien mange souvent des hamburgers. Ligne _____
- d) Son alimentation n'est pas équilibrée. Ligne _____
- e) Christine mange beaucoup de légumes et de fruits. Ligne _____
- f) Elle aime beaucoup les hamburgers. Ligne _____
- g) Sa famille est végétarienne. Ligne _____

2- Chasse l'intrus.



- a) spaghetti – riz – frites - céréales
- b) eau – jus – vin – pizzas
- c) Jambon – viande - poisson – hamburgers
- d) lait – fromage – yaourt – fruits



3-Réponds aux questions suivantes.

a) Qu'est-ce que William aime manger ?

b) Qu'est-ce que Sébastien mange habituellement ?

c) Pourquoi Christine mange-t-elle seulement du poisson ?

4-Dis ce que tu manges habituellement.



Les aliments	Petit-déjeuner	Déjeuner/Dîner
de la soupe		
du lait		
des fruits		
du café au lait		
du chocolat		
de la salade		
des fruits		
du poisson		
de la viande		
du jus		
de l'eau		
des pommes de terre		
du riz		
du pain		

Bon Travail ☺
Cristina Raminhos

MANGER MIEUX



Menu A

Menu B

Menu d` Olivier

Petit-déjeuner

- ▶ Pain de mie complet
- ▶ Miel
- ▶ 1 yaourt nature
- ▶ Rondelles d'ananas
- ▶ Café

Déjeuner

- ▶ Salades de betteraves aux pommes et aux noix
- ▶ Steak / Frites
- ▶ Salsifis à la provençale
- ▶ Roquefort
- ▶ 1 compote de pêches

Dîner

- ▶ Soupe de légumes
- ▶ Tarte aux légumes au jambon (tomates, aubergines, oignon, olives)
- ▶ Yaourt nature
- ▶ Camembert
- ▶ 1 orange

Menu de Marie

Petit-déjeuner

- ▶ Pain avec beurre/confiture
- ▶ 1 pot de fromage blanc
- ▶ 1 orange
- ▶ 1 thé

Déjeuner

- ▶ Carottes
- ▶ Saumon
- ▶ Riz
- ▶ Roquefort
- ▶ Pomme

Dîner

- ▶ Salade
- ▶ Pizza
- ▶ 1 compote de pêches

1- Mettez A (Menu A) ou B (Menu B).

- a) Au dîner, je mange de la soupe de légumes. _____
- b) La salade fait partie de mon menu. _____
- c) J'aime manger des yaourts. _____
- d) Au petit-déjeuner je mange des fruits et du fromage. _____
- e) Au déjeuner, j'ai une alimentation salutare. _____

2- Complétez avec les mots qui sont dans la grille.

Mange		Bois		
	Viande		eau	
		Hamburgers		Sport
Céréales	Fruits		Légumes	

Au petit-déjeuner je _____ du lait et je _____ des _____.

Au déjeuner je mange du poisson parce que je n'aime pas de _____. J'adore manger des _____ verts et de _____ qui sont très bonnes pour la santé. Je bois beaucoup de l'_____ et je fais du _____ et je ne mange pas de _____. J'ai une alimentation équilibrée.

3-Elaborez un menu pour le déjeuner de la cantine



Menu

Bon travail ☺
Cristina Raminhos

